



Universidade de Brasília

Faculdade de Comunicação – FAC

Departamento de Comunicação Organizacional

LAURA BRAGA MACHADO

DE PRESIDENTE A PETISTA:

as mudanças no discurso da Folha de S. Paulo sobre Lula (2010 e 2018)

Brasília, 2019

LAURA BRAGA MACHADO

DE PRESIDENTE A PETISTA:

as mudanças no discurso da Folha de S. Paulo sobre Lula (2010 e 2018)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Comunicação Organizacional.

Orientador: Prof. Dr. Felipe da Silva Polydoro.

Brasília, 2019

LAURA BRAGA MACHADO

DE PRESIDENTE A PETISTA:

as mudanças no discurso da Folha de S. Paulo sobre Lula (2010 e 2018)

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Felipe da Silva Polydoro
(Orientador)

Prof. Dr. Tiago Quiroga Fausto Neto
(Examinador)

Prof. Dr. Fábio Henrique Pereira
(Examinador)

Prof. Dr. Zanei Ramos Barcellos
(Suplente)

"Happiness can be found, even in the darkest of times, if one only remembers to turn on the light."

Alvo Dumbledore (J.K. Rowling – Harry Potter e o Prisioneiro de Askaban)

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por ter a oportunidade de acordar todos os dias, ter abrigo, comida e água. Por me dar força para, todos os dias, correr atrás dos meus sonhos.

Em segundo lugar, agradeço a esta mulher que abandonou sua cidade natal para poder dar uma vida melhor para sua filha na metrópole: minha mãe, Sandra, que sempre está ao meu lado nos bons e maus momentos, que me incentiva, me ajuda quando eu preciso e me dá forças para continuar. Você é o meu porto seguro. Amo você eternamente.

Agradeço também ao meu pai que, mesmo distante, também participou (e participa) ativamente na formação do meu caráter. Nós sabemos que o amor e carinho se mantêm mesmo com a distância.

Serei sempre grata à minha avó Eunice pela maneira como cuidou de mim, e a meu avô Aparício, que, mesmo sendo grosso, tinha enorme carinho por mim. Os dois infelizmente não estão mais entre nós e eu espero que estejam em paz.

À minha avó Tereza, que é meu exemplo de força, deixo também os meus agradecimentos. Queria poder morar perto dela, para podermos fazer o lanche da tarde juntas todos os dias, comendo pão de sal e tomando um café quentinho.

Agradeço aos meus tios, tias, primas e primos, por fazerem parte da base que me sustenta. A distância nos atrapalha um pouco, mas é sempre bom quando podemos nos reunir para comemorar algo e colocar a conversa em dia. Agradeço especialmente ao meu primo, Gabriel, por ter sido, desde sempre, o irmão que eu nunca tive.

A Harry e Pandora, meus dois cachorros, que alegram meu dia com seus sorrisos e brincadeiras.

Às minhas amigas Stephanie e Juliana, que, mesmo morando em outra cidade, se mantêm presentes. Aos outros amigos que moram perto: Jéssica, Jenniffer, Rennan.

Sou muito grata pelos presentes que a FAC me deu: Natália, que em pouco tempo já virou quase uma irmã, Luíza e Carol, que estiveram presentes nas aulas cansativas, nas gravações de curtas nos finais de semana, nas discussões de trabalho em grupo. Espero que nos mantenhamos próximas depois que a vida universitária acabar.

Agradeço, também, ao João Pedro, por ter me apoiado no começo deste trabalho e, depois, por ter me mostrado que eu sou uma mulher mais forte do que pensava. Só descobri quanta força eu tenho quando fui capaz de caminhar sozinha.

A todos os meus colegas de turma, aos meus professores, meu muito obrigada. Foi engrandecedor dividir essa jornada com vocês.

Um agradecimento especial ao meu orientador, Felipe Polydoro, que acreditou no meu projeto desde o primeiro momento – quando nem eu mesma acreditava –, por ter participado ativamente na construção desta pesquisa e por me ajudar em todos os momentos de angústia e desespero.

Chega ao fim mais uma etapa em minha vida. Agradeço a todos que me apoiaram e ajudaram e me preparo para iniciar um novo caminho. Espero que ele seja tão bom quanto este.

RESUMO

Esta pesquisa analisa mudanças no discurso da *Folha de S. Paulo* sobre o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva entre dezembro de 2010 (fim do segundo mandato) e abril de 2018 (mês de sua prisão). O trabalho divide-se em dois capítulos. O primeiro discorre sobre a história do Partido dos Trabalhadores (PT) e sua relação com a imprensa, além de descrever a metodologia empregada na pesquisa. O segundo capítulo inicia com breve história do Jornal e analisa, quantitativamente, as matérias relativas a Lula nos dois momentos, dividindo-as em dez categorias de temas e também quanto ao caráter ativo/passivo de Lula e ao uso do termo “petista”. Na sequência, utilizam-se princípios da análise de discurso em matérias selecionadas de cada período. Constatou-se o uso recorrente do termo “petista” nas matérias da *Folha* de 2018, ligando-se tanto à corrupção quanto a movimentos sociais violentos e reforçando o antipetismo crescente na sociedade brasileira.

Palavras-chave: Lula – *Folha de S. Paulo* – antipetismo.

ABSTRACT

This research analyzes the changes in Folha de S. Paulo's discourse on Brazilian former president Luiz Inácio Lula da Silva between December 2010 (the end of his second presidential term) and April 2018 (month of his arrest). The research is divided into two chapters. The first talks about the history of Partido dos Trabalhadores (PT) and its relationship with the press, as well as describes the methodology used in the research. The second chapter begins with a brief history of the Newspaper; then, analyzes quantitatively the news related to Lula in both moments, dividing them into ten categories of subjects and also in categories about Lula's character: active/passive, and about the use of the word "petista". Then, it uses Discourse analysis principles in selected news from each period. The recurrent use of the word "petista" in Folha's news was found, forming a link between the Party and corruption, violent social movements and increasing the growing feeling anti-PT in Brazilian society.

Keywords: Lula – Folha de S. Paulo – anti-PT.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Audiência digital em 2018	25
Figura 2 - Lula como sujeito ativo	29
Figura 3 - Lula como sujeito passivo	30
Figura 4 - Proporção das categorias em 2010	35
Figura 5 - Proporção das categorias em 2018	36
Figura 6 - Antipatia e preferências partidárias (em %)	40
Figura 7 - Petista viajante	43
Figura 8 - Lula e seu instituto	44
Figura 9 - Aprovação de Lula	46
Figura 10 - Mentiras e despedidas	47
Figura 11 - Guerra e paz	49
Figura 12 - Expectativa da prisão	51
Figura 13- Prisão de Lula	53
Figura 14 - Lula x Moro	55
Figura 15 - Lula decepciona	58
Figura 16 - "Herói" de Copenhague	59
Figura 17- Dirceu fala sobre Lula	60
Figura 18 - Dirceu pede defesa para Lula	61
Figura 19 - Herdeiros de Lula	63
Figura 20 - Lula fora das eleições	64
Figura 21 - "Moro manda Lula se entregar, mas PT defende resistência"	65
Figura 22 - Moro x Lula	66
Figura 23 - Lula bem humorado	68

LISTA DE S

Tabela 1 - Número de aparições para cada termo em dezembro de 2010	26
Tabela 2 - Número de aparições para cada termo em abril de 2018	27
Tabela 3 - Termos de referência a Dilma Rousseff nos períodos selecionados	28
Tabela 4 - Categorias em 2010 e 2018	36
Tabela 5 - Caráter ativo/passivo de Lula por categoria (2010)	37

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. REFERENCIAL TEÓRICO METODOLÓGICO	14
1.1 Ascensão e queda do PT	14
1.2 A imprensa e o PT	17
1.3 Formação da opinião pública	20
1.4 Referencial metodológico	22
2. ANÁLISE DO POSICIONAMENTO DA <i>FOLHA DE S. PAULO</i> EM RELAÇÃO A LULA	24
2.1 A <i>Folha de S. Paulo</i>	24
2.2 Análise quantitativa	25
2.3 O discurso da <i>Folha</i>	38
2.3.1 O termo “petista”	38
2.3.2 A passividade de Lula	56
CONCLUSÃO	70
REFERÊNCIAS	72
ANEXO	77

INTRODUÇÃO

Este trabalho trata da relação entre o jornal *Folha de S. Paulo* e o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e procura investigar se houve mudança de discurso em dois momentos: um representando o ponto mais alto da trajetória política de Lula e outro, o de sua queda. O objetivo geral é analisar a cobertura midiática da *Folha* com relação a Lula no fim do seu segundo mandato em 2010 e no mês de sua prisão em abril de 2018.

Neste intervalo temporal, houve um acirramento do antipetismo – como demonstraremos no item 2.3.1 deste trabalho. Apesar de avaliarmos apenas um veículo e um curto tempo (dois meses), julgamos já ser um esforço inicial para compreender de que maneira a *Folha* contribui para o fortalecimento da crítica ao Partido dos Trabalhadores (PT) e a Lula.

As perguntas que nortearam nossa pesquisa foram: De que maneira o discurso da *Folha* se transformou em relação a Lula? Como Lula é representado pelo Jornal nos dois períodos?

Meu interesse pelo tema vem da infância. Meus pais eram militantes do PT e minha mãe chegou a defender sua tese de doutorado sobre o Partido. Além disso, minha avó paterna sempre se considerou a "fã número 1" de Lula, de modo que cresci ouvindo-a exaltar os feitos do governo Lula. Assim, causou estranhamento perceber que grande parte das pessoas que, como meus pais, haviam apoiado Lula no passado, acabaram se afastando dele e do Partido. Ansiava por compreender de que forma isso havia ocorrido.

É na busca dessa compreensão que empreendemos esta pesquisa cuja relevância se associa ao momento político atual da sociedade brasileira, em que grupos assumidamente conservadores tornaram-se protagonistas.

O trabalho está dividido em duas partes: *Referencial teórico-metodológico* e *Análise do posicionamento da Folha de S. Paulo em relação a Lula*. O primeiro capítulo divide-se em três partes. A primeira parte, *Ascensão e queda do PT*, trata da história do Partido e de sua principal

liderança, o ex-presidente Lula. Discorremos sobre os altos e baixos dos governos Lula e Dilma e mencionamos a situação política atual, marcada pelo antipetismo, um dos principais motivadores da eleição de Jair Bolsonaro à Presidência da República.

Na segunda parte, *A imprensa e o PT*, citamos os autores que amparam esta pesquisa. Este título é uma referência ao livro de Fernando Azevedo, *A grande imprensa e o PT*, que analisou os editoriais e manchetes de três jornais – incluindo a *Folha* – durante os períodos eleitorais dos anos 1989 a 2014, e que foi bastante utilizado neste momento do trabalho. Além disso, utilizamos o clássico de Walter Lippmann, *Opinião Pública*, para refletir sobre o papel do jornalismo na constituição da mentalidade popular.

Na terceira parte, *Referencial metodológico*, encontra-se a descrição dos meios utilizados para a confecção deste trabalho, que incluem uma análise quali-quantitativa. Discorremos sobre os princípios de análise de discurso utilizados, que se sustentaram nas ideias de Helena Nagagini Brandão no livro *Introdução à análise do discurso*. Todos os métodos de pesquisa, coleta e análise de dados estão explicitados nesta última parte do capítulo.

O segundo capítulo, *Análise do posicionamento da Folha de S. Paulo em relação a Lula*, discorre sobre a mudança de discurso do Jornal. Na primeira parte, *A Folha de S. Paulo*, encontra-se um breve resumo da história da *Folha*.

Na segunda parte, *Análise quantitativa*, foi feita uma contagem dos termos que mais se repetem nas matérias analisadas, principalmente no tratamento em relação a Lula, comparando o número nos dois períodos. Depois, dividiu-se cada uma das matérias de acordo com o seu tema e também em relação ao papel de Lula na mesma, sendo ativo ou passivo. Cruzou-se essa distinção ativo/passivo com as categorias e para compreender quando a imagem de Lula assumiu um papel mais passivo nas matérias da *Folha*.

A terceira parte, *O discurso da Folha*, foi dividida em dois tópicos. No primeiro, intitulado *O termo "petista"*, foi feita uma análise da utilização deste termo nas matérias da *Folha* em cada período. Algumas matérias foram selecionadas e buscou-se compreender de que forma este termo é utilizado nelas e como ele se relaciona com outras palavras no âmbito de cada matéria.

No segundo tópico, *A passividade de Lula*, buscou-se analisar de que maneira ocorre o apassivamento de Lula nas matérias de 2010 e 2018 e quais atores se destacaram como críticos ou representantes do ex-presidente.

1. REFERENCIAL TEÓRICO METODOLÓGICO

1.1 Ascensão e queda do PT

O Partido dos Trabalhadores foi fundado em 1980, no Colégio Sion, em São Paulo. O Partido afirma ter surgido como “agente promotor de mudanças na vida de trabalhadores da cidade e do campo, militantes de esquerda, intelectuais e artistas” (PT, 2019, p. 1).

O PT logo se tornaria hegemônico no campo das esquerdas, como a síntese do “novo sindicalismo” com a esquerda católica, os sobreviventes da luta armada e os movimentos sociais. Dois anos depois, o Partido foi reconhecido oficialmente pelo Tribunal Superior de Justiça Eleitoral (TSJE) e teria um de seus representantes eleito: Gilson Menezes para prefeito de Diadema, no Estado de São Paulo.

Em 1989, nas primeiras eleições diretas pós-ditadura, o PT lança Luiz Inácio Lula da Silva, várias vezes mencionado neste trabalho apenas como Lula, como seu candidato à Presidência. Nascido em Pernambuco e tendo como única formação a de torneiro mecânico, Lula foi o líder sindical à frente das greves de 1978 e 1980 e que levaram à sua prisão neste ano (PT, 2019).

Lula, a principal figura do PT, candidatou-se a mais duas eleições, antes de se eleger Presidente da República por dois mandatos consecutivos (2003 a 2010). Em 2002, ele obteve 61,27% dos votos válidos no segundo turno, ganhando de José Serra, do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), que obteve 38,73%¹.

O governo Lula foi marcado por vários programas sociais, como o Bolsa Família e o Fome Zero, que reduziram a pobreza extrema no Brasil e os indicadores de desigualdade social. Marcelo

¹ Fonte: <http://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-anteriores/eleicoes-2002/candidaturas-votacao-e-resultados/resultado-da-eleicao-2002>

Neri (2012) descreve que, desde 2003, o número de pobres (aqueles que recebem até 151 reais mensais) decaiu partindo de 49 milhões de pessoas naquele ano a 28,8 milhões em 2011.

Programas, como o Programa Universidade Para Todos (ProUni) e o incremento do Fundo de Financiamento Estudantil (FIES), garantiram que o número de matriculados no ensino superior passasse de 11% em 2003 para 18% em 2014 (MARIANI, LUPION, ALMEIDA, 2016). Em um país com uma das maiores taxas de desigualdade social do mundo, essas políticas alteraram a sociedade brasileira, criando o que alguns economistas, como Neri (2012), viriam a chamar de “nova classe média”.

Em 2005, Lula foi acusado de se envolver no escândalo do mensalão, "esquema de desvio de recursos de órgãos públicos e de empresas estatais, e de concessões de benefícios diretos ou indiretos a particulares em troca de ajuda financeira", cujo "objetivo era negociar apoio político ao governo no Congresso Nacional, pagar dívidas pretéritas, custear ganhos de campanha e outras despesas do PT", afirma a Procuradoria da República no Rio Grande do Sul (2012, p. 1). O esquema, chefiado pelo então Ministro-chefe da Casa Civil José Dirceu, envolvia pagamentos pelo PT a deputados do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e do Partido Progressista (PP)

Envolvido nessa denúncia pela proximidade com Dirceu e a sua posição de liderança no PT, Lula negou conhecimento desse esquema. Em 2006, reelegeu-se com 60,83% dos votos válidos no segundo turno², ganhando de Geraldo Alckmin do PSDB (39,17%).

No final de seu segundo governo, Lula tinha popularidade recorde, com aprovação por 87% dos brasileiros, segundo o Instituto Datafolha³. Este foi um dos fatores que garantiu que, em 2010, a candidata do PT Dilma Rousseff, que havia sido ministra no segundo governo Lula, fosse eleita como a primeira presidenta do Brasil, ganhando de José Serra do PSDB (43,95%) no segundo turno com 56,05% dos votos válidos⁴.

Seu mandato, porém, começou a ser questionado em 2013, quando inúmeras manifestações tomaram as ruas do país, nas chamadas “Jornadas de Junho”. O movimento iniciou com uma manifestação em São Paulo contra o aumento das passagens de ônibus, mas logo as exigências se

² Fonte: <http://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-anteriores/eleicoes-2006/candidaturas-e-resultados/resultado-da-eleicao-2006>

³ Fonte: <http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2010/12/1211078-acima-das-expectativas-lula-encerra-mandato-com-melhor-avaliacao-da-historia.shtml>

⁴ Fonte: <http://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-anteriores/eleicoes-2010/candidaturas-votacao-e-resultados/estatisticas>

expandiram e as pessoas passaram a se manifestar contra os serviços públicos de qualidade baixa e o governo do PT.

André Singer (2013, p. 32) analisa este movimento no calor dos acontecimentos:

Socialmente heterogêneos, os acontecimentos de junho foram também tão multifacetados no plano das propostas que não espanta haja todo tipo de imputação ao seu sentido ideológico: desde o ecos- socialismo até impulsos fascistas, passando por diversas gradações de reformismo e liberalismo.

Mesmo assim, nas eleições presidenciais de 2014, Dilma é reeleita no segundo turno com 51,64% dos votos válidos, ganhando de Aécio Neves (PSDB), que terminou com 48,36%⁵.

Em 2015, Eduardo Cunha, do PMDB, presidente da Câmara dos Deputados, em retaliação à sua condenação pelo Conselho de Ética da Câmara, acolhe a abertura o processo de *impeachment* contra a presidenta. Dilma é acusada de crime de responsabilidade fiscal, por ter “maquiado” as contas públicas para conseguir ser reeleita. Em 31 de agosto de 2016, a presidenta foi afastada definitivamente do cargo, mas não perdeu seus direitos políticos (SENADO, 2016).

Neste ínterim, desde 2014, a Operação Lava Jato se fortalecia como uma investigação da Polícia Federal sobre corrupção e lavagem de dinheiro. No âmbito desta Operação, em 2017, o ex-presidente Lula foi acusado por corrupção passiva e lavagem de dinheiro em episódio em que teria recebido mais de R\$ 3.000.000,00 (três milhões de reais) da construtora OAS, na forma de um apartamento triplex no Guarujá.

O juiz Sérgio Moro, uma das principais figuras da Lava Jato, condenou o ex-presidente a nove anos e meio de prisão. Recorrendo em liberdade, Lula foi à segunda instância, tendo sua pena aumentada para 12 anos e um mês de prisão. Ele, então, protocolou um pedido de *Habeas Corpus* ao Supremo Tribunal Federal (STF), que foi negado. Assim, em 7 de abril de 2018, Lula se apresentou à polícia e, até o momento da realização deste trabalho (junho de 2019) continua detido na sede da Polícia Federal de Curitiba.

Mesmo preso, Lula tentou se candidatar às eleições presidenciais em 2018, mas, como afirmam Renan Ramalho e Mariana Oliveira (2018), o pedido foi negado pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE). O PT lançou, por fim, o candidato Fernando Haddad (ex-ministro da Educação e

⁵ Fonte: <http://www.tse.jus.br/eleicoes/estatisticas/estatisticas-eleitorais>

ex-prefeito de São Paulo), derrotado por Jair Bolsonaro, do Partido Social Liberal (PSL), que obteve 55,13% dos votos válidos no segundo turno⁶.

1.2 A imprensa e o PT

A eleição de Jair Bolsonaro consolidou o processo de rejeição de Lula e do PT, que descrevemos no item 2.3.1 deste trabalho. Muitos autores acreditam que a grande imprensa teve um papel essencial nesse processo ao dar maior destaque ao tema da corrupção.

Como lembra Erica Baptista (2016), devido à centralidade da mídia nos tempos atuais, uma maior cobertura sobre os casos de corrupção faz com que o público acredite que a corrupção está aumentando, o que, nem sempre, é verdadeiro.

Esta ênfase da mídia neste tema, impulsionada pelo escândalo do mensalão, seria, para Anderson (2011 apud Nunomura, 2012, p. 17), uma resposta ao relacionamento direto de Lula com o povo, "retirando o papel da mídia na cena política. Pela primeira vez, um governante não dependeu de seus proprietários, e eles o odiavam por isso". Eduardo Nunomura (2012) acredita em uma forte tensão entre os valores ideológicos da grande imprensa e os do PT.

Já Fernando Azevedo (2017, p. 170) rememora que a mídia agiu do mesmo modo quando Getúlio Vargas passou a defender direitos trabalhistas e sociais: "A desqualificação, tanto no caso de Vargas quanto no de Lula, [...] era operada basicamente a partir de dois eixos temáticos centrais que organizavam o discurso antivarguista e contra o lulopetismo: o populismo e a corrupção".

No caso específico do PT, Azevedo (2017) analisou editoriais e manchetes de três veículos (*O Globo*, *O Estado de S. Paulo* e a *Folha de S. Paulo*), relacionadas com o Partido no período de 1989 a 2014, e destacou a existência de três momentos distintos na percepção da grande mídia sobre o PT.

Na primeira fase, de 1980 a 2001, o Partido é visto como radical e porta-voz das demandas sindicais e das minorias. Ressalta-se, nesse momento, seu aspecto socialista, o que não é visto com

⁶ Fonte: <http://www.tse.jus.br/eleicoes/estatisticas/estatisticas-eleitorais>

bons olhos pela imprensa, que deseja manter o seu capital e todos os privilégios adquiridos. Este autor afirma:

Os princípios programáticos e a estratégia de aliança “puro-sangue” com os partidos que compartilhavam os mesmos valores projetaram, no imaginário político, uma imagem de pureza política e ideológica. Esta imagem, combinada com o discurso ético e a crítica ao poder e à corrupção, cujo momento culminante se deu no processo de impeachment de Collor, consolidou em parte do eleitorado um perfil positivo de partido ideológico, programático, ético e moralmente puro – e comprometido com os pobres e os excluídos. Mas, por outro lado, a mídia construiu paralelamente uma imagem reversa, a partir da visão dos setores mais conservadores, com o PT sendo um partido intransigente e dogmático (entre os exemplos estavam a rejeição à Constituição de 1988 e a negativa em participar do governo de transição de Itamar Franco), dividido em facções radicais, que se digladiavam internamente pelo controle político, inexperiente na gestão governamental, hostil à economia de mercado e pouco confiável em sua crença na democracia representativa (AZEVEDO, 2017, p. 180).

Na segunda etapa (2002-2005), enquanto o Partido se tornava menos radical, abandonando um discurso socialista e aderindo a um discurso social-democrata, a imagem de Lula passaria de um homem irritado para um “Lulinha paz e amor”. Em relação à grande imprensa, Azevedo (2017, p. 184) diz que ela

abria um crédito ao novo petismo convertido momentaneamente às políticas ortodoxas e usando uma linguagem política moderada e polida politicamente. Como registrou Goldstein, ao analisar as páginas de opinião do Estadão, este era um momento de expectativa. E, acrescentamos nós, de trégua, que se estendeu ao longo dos dois primeiros anos do governo Lula.

Para este autor, naquele momento, o partido percebeu que o país não estava preparado para ser socialista. Para conseguir chegar e permanecer no poder, Lula amenizou suas reivindicações, se tornando mais aberto a alianças com outros partidos, mas sem abandonar as minorias e os coletivos que o apoiaram.

A terceira fase do PT, para Azevedo (2017), começa em 2005, com o escândalo do mensalão e se estende até 2014, ao final de sua pesquisa (em nossa concepção, até os dias atuais). O autor afirma que o mensalão foi o fim da trégua da grande imprensa com o PT e destruiu sua imagem ética, à qual se associara fortemente desde a sua fundação.

A classe média havia votado em Lula por acreditar em um governo ético, relevando até mesmo a criação dos programas sociais e a diminuição da pobreza com os quais não concordava.

Este autor acredita que, diante do escândalo do mensalão, a classe média voltou-se contra o governo petista:

Mas com o mensalão, esta classe média, sempre a mais sensível às questões morais e aos escândalos políticos, voltava não só ao leito natural de centro-direita como iria gerar, nos anos vindouros, um antipetismo visceral que cresceria até atingir a aguda polarização política nas eleições de 2014 e as volumosas manifestações de rua, em 2015 e 2016, contra o governo Dilma e pelo seu impeachment. Esse antipetismo alimentou-se, em boa medida, como ocorreu no antivarguismo dos anos 1950, da percepção de que o PT e o governo petista eram intrinsecamente corruptos. Percepção esta, tanto no caso do mensalão, em 2005, quanto da Lava Jato, em 2014, produzida pela cobertura massiva da mídia, frequentemente de modo sensacionalista (nas quais as capas e matérias da revista *Veja* são exemplos) e marcada pelo que Nunomura denominou de 'denúncia antecipada', com foco e objeto no PT e no governo petista (AZEVEDO, 2017, p. 186).

À época do mensalão, surge o termo “lulopetismo”, utilizado por *blogs* antipetistas como termo pejorativo. Atualmente, os termos “lulismo”, “lulista”, “petismo” e “petista” são utilizados muitas vezes pela grande mídia. O autor conclui que as duas principais abordagens da mídia em relação ao PT são: o populismo e a corrupção.

Ao final de seu trabalho, Azevedo (2017) chegou a três conclusões: a) a grande imprensa brasileira atuou e atua, em momentos democráticos, como paralela à política de centro-direita; 2) esse paralelismo demonstra um alinhamento ideológico que contrapõe o liberalismo contra o nacional-desenvolvimentismo e 3) tanto no passado como no presente, os principais argumentos da grande mídia contra as forças de centro-esquerda foram os temas do populismo/radicalismo e da corrupção. Neste processo, o PT perdeu grande parte de sua credibilidade junto a seus eleitores.

Autores mais radicais, como Jessé de Souza (2017, p. 89), acreditam que a grande imprensa “é uma grande empresa que se disfarça, mentindo para seus leitores e telespectadores, e tira onda de serviço público”. Ele defende uma intensa e ininterrupta perseguição ao PT, visto que o Partido e seus representantes não compactuavam com os valores de centro-direita da maioria dos jornais:

A perseguição seletiva e sem tréguas ao PT e aos movimentos sociais que o apoiam equivale a um ataque ao princípio mesmo da igualdade social como valor fundamental das democracias ocidentais. É que a luta contra a desigualdade do PT e de Lula foi tornada, pela propaganda televisiva, mero instrumento para a corrupção no Estado. Como o PT foi o motor da ascensão social dos miseráveis e pobres em geral, atacá-lo como corrupto e como organização criminosa – sendo acompanhada pelos próprios agentes do Estado envolvidos na operação Lava Jato nesse ataque inescrupuloso – equivale a tornar suspeita a própria demanda por igualdade. É a igualdade que é tornada meio para um fim, no caso a suposta corrupção, o que implica retirar sua validade como valor, ou seja, como um fim em si. A Globo e a grande mídia – e sua aliada, a operação Lava Jato – não só contribuíram para o mais massivo ataque à democracia e ao direito que se tem notícia, mas atacaram também,

em uma das sociedades mais desiguais e perversas do planeta, a igualdade social como princípio, ao torná-la suspeita e mero instrumento para outros fins (SOUZA, 2017, p.140).

Souza (2017) afirma que a imprensa utiliza os preconceitos já existentes nos cidadãos para obter a maior quantidade possível de vantagens. No caso de Lula, o ataque ao político e ao partido pelas classes mais altas teria sido motivado pela redução das distâncias entre as classes sociais.

Este autor também discorre sobre a ausência de pluralidade na mídia. Segundo ele, isto gera seres humanos facilmente manipuláveis e incapazes de pensar por si mesmos. Por isso, muitas pessoas acreditam nas mentiras mais absurdas, se estas estiverem publicadas pela imprensa.

1.3 Formação da opinião pública

O tipo de visão funcionalista presente em Jessé Sousa já era criticada por Walter Lippmann nos anos 1920, para quem o público jamais assume acriticamente as opiniões dos jornais. Para ele, é o fato da notícia se relacionar ou não com as crenças do leitor faz com que ele decida acreditar ou não nela:

Mas o corpo das notícias, embora não verificado como um todo pelo leitor desinteressado, consiste de itens sobre os quais alguns leitores têm concepções muito definidas. Aqueles itens são as informações utilizadas em seu julgamento, e as notícias que os homens leram sem este critério pessoal, eles julgam por algum outro padrão que não o seu padrão de exatidão. Eles estão tratando aqui com uma questão subjetiva que para eles é indistinta da ficção. O cânone da verdade não pode ser aplicado. Eles não hesitam sobre tais notícias se elas se conformam a seus estereótipos, e eles continuam a lê-las se elas o interessam (LIPPMANN, [1922], 2008, p. 282).

Nenhum leitor é neutro. Todos possuem convicções e estereótipos bem definidos. A maneira como um jornal ou outro meio de mídia se posiciona será a favor ou contra a opinião desse leitor. E isso afetará a maneira como ele se relaciona com este jornal.

Entretanto, a mídia não é a única forma de uma pessoa manter-se informada. Suas conexões, em grande parte definidas pela quantidade de dinheiro que possui, também têm um aspecto informacional. Lippmann ([1922], 2008) defende que a renda de uma pessoa afeta o seu acesso à

informação. Quanto mais dinheiro um indivíduo tem, maior a possibilidade de viajar, comprar livros e, conseqüentemente, ser mais bem informado. Além disso, o círculo social de um indivíduo vai afetar sua opinião sobre determinados assuntos, já que tendemos a permanecer perto de pessoas que acreditam no mesmo que nós e a acreditar no que dizem nossos familiares e amigos.

Lippmann ([1922] 2008), todavia, considera a mídia o principal meio de contato do público com assuntos aos quais não teria acesso por outro meio. Existem jornais com diferentes pontos de vista e cada um deles deve conhecer e agradar o seu público, escrevendo o que ele deseja ler. Assim, jornais que escrevem para um público conservador não podem publicar opiniões muito diversas daquela da maioria de seus leitores, ou acabam perdendo seu principal público.

O problema real é que os leitores de um jornal, não acostumados a pagar o custo da coleta de notícias, podem ser capitalizados somente quando são transformados em circulação que pode ser vendida a manufatureiros e mercadores. E aqueles que são mais importantes de serem capitalizados são os que têm mais dinheiro para gastar. Tal imprensa está compelida a respeitar o ponto de vista do público consumidor. É para este público que os jornais são editados e publicados, pois sem aquele apoio o jornal não pode viver. Um jornal pode insultar um anunciante, atacar um banco poderoso ou o interesse de um transportador, mas se alienar o interesse do público consumidor ele perde um recurso indispensável a sua existência (op. cit. [1922] 2008, p. 278).

Isso acontece em todos os países em que a grande imprensa é dominada pelo mercado. No caso brasileiro, a imprensa tradicional é formada basicamente por conglomerados familiares, nos quais o controle é passado de pai para filho: os Marinho (Grupo Globo), os Mesquita (Grupo O Estado de São Paulo), os Frias (Grupo Folha) e os Civita (Grupo Abril). A maioria desses grupos tem posições de centro-direita, afirmadas em seus editoriais e em suas matérias.

Azevedo (2017, p. 204) ressalta a capacidade de persuasão da grande mídia junto ao seu público e na sua importância no jogo político:

ao imprimirem opiniões políticas ajustadas e coerentes com as preferências políticas do seu leitor, e sem descartar que a suposição da fidelização tenha algum nível explicativo, a nossa hipótese mais robusta e de maior amplitude-explicativa é a da afinidade histórica com o ideário liberal-conservador.

Como Nunomura (2012), acreditamos que a política continua intervindo na comunicação, mas agora, mais do que nunca, a comunicação tem condições de publicizar a política. É nesta perspectiva que, neste trabalho, buscamos analisar a cobertura jornalística da *Folha* sobre o fim do segundo mandato do ex-presidente Lula e sobre sua prisão em abril de 2018.

1.4 Referencial metodológico

Para confecção deste trabalho foi utilizada, além da pesquisa bibliográfica, a coleta de matérias jornalísticas da versão impressa da *Folha de S. Paulo*. Este veículo foi escolhido por ser um dos principais jornais do Brasil, existindo desde 1921.

A *Folha* é um veículo capaz de influenciar a opinião pública, devido à sua credibilidade e popularidade. Sobre ela, Azevedo (2017, p. 95) afirma:

O jornal mantém, nos dias atuais, a mesma linha editorial orientada em tese para o pluralismo interno e, nesse sentido, é, dos três grandes diários, o mais aberto para o debate público e o confronto de ideias e posições políticas divergentes. A sua neutralidade política costuma ser reafirmada editorialmente a cada eleição, mas sem isso significar uma posição acrítica, pois o jornal, embora sem apoiar explicitamente partidos ou candidatos, se posiciona criticamente através de seus editoriais e colunistas sobre temas em debate e mantém uma permanente posição de 'cão de guarda' diante do poder político.

Para efeito de precisão, foram coletadas apenas matérias dos cadernos Poder e Mercado, onde se concentra a maioria das notícias políticas, e foram excluídas as entrevistas, considerando que não representam, necessariamente, a orientação do jornal. As colunas de opinião também não entraram na contagem, por tratarem do ponto de vista dos seus autores, e não do jornal. Entretanto, foram incluídos textos de análise de cunho interpretativo publicados fora de colunas fixas.

O período analisado foi o mês de dezembro de 2010 – último mês de mandato de Lula – e abril de 2018 – mês de sua prisão. Estes períodos são importantes para verificação de eventual mudança no tratamento a Lula por este Jornal.

Foram coletadas 1.638 matérias (986 em dezembro de 2010 e 652 em abril de 2018), que passaram por um processo de limpeza que excluiu as matérias que não tratavam exclusivamente de Lula, o que resultou em um número final de 156 matérias que serão consideradas neste trabalho.

Após uma primeira leitura dessas matérias, foi realizada uma segunda leitura para buscar os termos que mais se repetiam, a partir do que foi feita uma análise quantitativa. A análise de conteúdo foi utilizada para dividir as matérias em dez categorias. Posteriormente, algumas matérias foram escolhidas para emprego de alguns princípios da análise de discurso.

Sobre a análise de discurso, Helena Brandão (2006, p. 103) discorre:

o desafio a que a análise do discurso se propõe é o de realizar leituras críticas e reflexivas que não reduzam o discurso a análises de aspectos puramente linguísticos nem o dissolvam num trabalho histórico sobre a ideologia. Ela opera com o conceito de ideologia que envolve o princípio da contradição que está na base das relações de grupos sociais, cujas ideias entram em confronto numa correlação de forças: considera-se também as noções de interpelação/assujeitamento e de aparelhos ideológicos de Estado que governam, regulam essas relações. Ela busca não eliminar essas contradições, mas, ao contrário, fazê-las aflorar na materialidade linguística do discurso, apreendê-las nas formas de organização discursiva, possibilitando captar as relações de antagonismo, de aliança, de dissimulação, de absorção que se processam entre diferentes formações discursivas.

Finalmente, ao analisar o discurso da *Folha* em relação a Lula, encontramos dois pontos para aprofundamento do estudo: a utilização do termo “petista” e a maneira como Lula passa de um ator ativo para passivo. Como as duas análises são diferentes, foram necessários métodos distintos para cada tema.

Com relação ao termo “petista”, foram escolhidas, com base na forma como o termo aparece nelas, quatro matérias de cada período. Destacamos a qual categoria a matéria pertence (de acordo com aquelas criadas na análise quantitativa) e se ela é positiva, negativa ou neutra. Em seguida, analisou-se a forma como o termo “petista” se posiciona na matéria e quais outras palavras estão ligadas a ele. Buscou-se descobrir a mudança de significado do termo petista que extrapola o sentido de filiado ou militante do partido. Para isso, recorreremos à literatura sobre o tema.

Já no caso da passividade de Lula, foram escolhidas três matérias de dezembro de 2010 e cinco matérias de abril de 2018. A seleção de um maior número de matérias de 2018 deve-se à maior relevância, na visão do Jornal, do papel passivo de Lula neste último período.

Posteriormente, destacamos a categoria a que cada matéria se associava e procuramos entender qual era o agente ativo em cada uma delas, o que ele expressava e como colaborou para um apassivamento de Lula. Procuramos identificar quem fala e age contra Lula, quem fala no lugar dele, quem fala a favor dele e o defende ativamente.

2. ANÁLISE DO POSICIONAMENTO DA *FOLHA DE S. PAULO* EM RELAÇÃO A LULA

2.1 A *Folha de S. Paulo*

A *Folha* nasce com outro nome. Em fevereiro de 1921, Olival Costa e Pedro Cunha fundam o jornal *Folha da Noite* e, quatro anos depois, a *Folha da Manhã*, sua versão matutina. 24 anos depois ocorre a fundação da *Folha da Tarde*. Em 1960, esses três grandes títulos se fundem, criando o jornal *Folha de S. Paulo*.

Segundo Azevedo (2017, p. 91), de início, a *Folha* posicionou-se "numa faixa não contemplada pelo tradicional *O Estado de S. Paulo*, orientado para as elites paulistas", adotando "uma linguagem mais simples e clara e um estilo mais noticioso do que opinativo".

Octavio Frias de Oliveira e Carlos Caldeira filho assumem o controle da empresa em 1962, aumentando a circulação e a possibilidade de disputar a liderança com *O Estado de S. Paulo*. Em 1986, a *Folha* tornou-se o jornal de maior circulação no Brasil, liderança que mantém desde então.

Além do jornal, o Grupo Folha ainda possui outras empresas. Comandado por Luiz Frias – filho de Octavio Frias –, o Grupo controla a *Folha de S. Paulo*, o UOL – fornecedor de conteúdo e serviços de internet –, e a gráfica comercial Plural, além de outros serviços.

A *Folha de S. Paulo* se afirma plural e apartidária, como demonstra em sua missão:

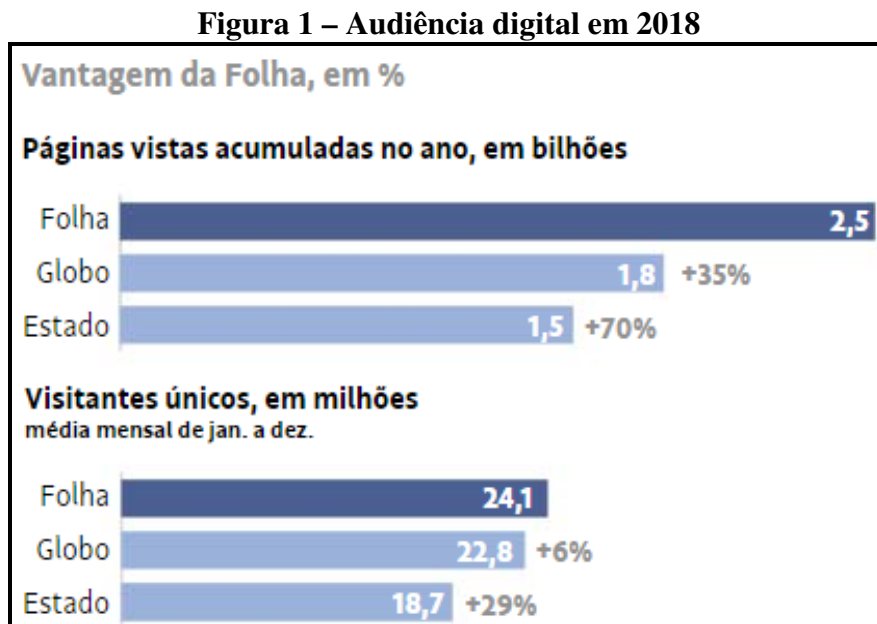
Produzir informação e análise jornalísticas com credibilidade, transparência, qualidade e agilidade, baseadas nos princípios editoriais do Grupo Folha (independência, espírito crítico, pluralismo e apartidarismo), por meio de um moderno e rentável conglomerado de empresas de comunicação, que contribua para o aprimoramento da democracia e para a conscientização da cidadania (FOLHA, 2019, p.1).

Azevedo (2017, p. 95) também concorda que a *Folha* é um jornal mais aberto para opiniões divergentes. Entretanto, embora sua neutralidade seja reafirmada em cada eleição, para esse autor, isso não significa que o jornal tenha uma posição acrítica, pois "embora sem apoiar explicitamente partidos ou candidatos, se posiciona criticamente através de seus editoriais e colunistas sobre temas em debate e mantém uma permanente posição de 'cão de guarda' diante do poder político."

Neste contexto, este trabalho analisa matérias sobre o ex-presidente Lula, em dois períodos selecionados, buscando compreender de que maneira a *Folha* se posicionou e quais argumentos foram utilizados para isso.

2.2 Análise quantitativa

A Folha de S. Paulo é um jornal muito influente no Brasil, atingindo um grande público. Em 2018, o Jornal alcançou a marca de 24 milhões de visitantes únicos⁷ e suas matérias digitais alcançaram 2,5 bilhões de visualizações (FOLHA, 2019).



Fonte: comScore Media Metrix - Multi Plataforma – 2018 apud Folha (2019).

⁷ O número representa a quantidade de pessoas que visitaram o site, não importando quantas vezes, tomando por base o Internet Protocol (IP) do equipamento.

A liderança ocorre principalmente em momentos impactantes na vida política nacional e momentos intensos de noticiário. A prisão de Lula foi um desses momentos de pico no ano de 2018, acompanhada da greve dos caminhoneiros e da corrida eleitoral. Também em dezembro de 2010, o ex-presidente Lula foi uma figura de destaque em suas matérias, devido ao momento de fim de mandato presidencial.

Lula só não foi citado nos dias 2, 5, 12, 13, 14 e 17 de dezembro de 2010 e 1, 2, 13, 24 e 28 de abril de 2018, o que demonstra que ele está no centro da vida política, sendo de importância extrema para o jornalismo brasileiro.

Lula apareceu nas capas do jornal diversas vezes no período. Em dezembro de 2010, ocupou a primeira página sete vezes. Já em 2018, esse número subiu para 14 aparições. Esses números, por si, demonstram que foi dada uma maior importância para sua prisão – algo que nunca havia acontecido antes – do que para a transição de governo.

O número de matérias sobre Lula também aumentou em 2018. Para a confecção deste trabalho, foram coletadas 67 matérias sobre o ex-presidente em dezembro de 2010 e 89 em abril de 2018. Não é uma diferença tão grande, mas deve ser levado em consideração que a expectativa de sua prisão começou em 2017.

Após uma primeira leitura dessas matérias, procuramos seus elementos comuns. Para se referir a Lula, o jornal utiliza expressões variadas, como "presidente/ex-presidente" e "petista". Pode-se observar o número de aparições de cada termo nas matérias de 2010 na Tabela 1.

Tabela 1 – Número de aparições para cada termo em dezembro de 2010

Termos de referência a Lula em dez. 2010	Número de aparições
Presidente	117
Petista	22
Presidente da República	2
Presidente eleito	1
Ex-presidente	1
Total	143

Fonte: Elaboração própria (2019).

Em abril de 2018, verifica-se um grande aumento no uso da expressão petista, considerando que o número de matérias foi apenas de 20 a mais que o de 2010 a aparição do termo "petista" aumenta de 22 em dezembro de 2010 para 91 em abril de 2018, um crescimento de mais de 313%, como podemos observar na Tabela 2.

O termo principal para se referir a ele em 2018, "ex-presidente", comparado com o termo principal de 2010, "presidente", é encontrado em cem ocorrências a mais do que no outro período. O aumento exponencial do número de referências a Lula nas matérias do jornal, passando de 143 a 312 (118,18%), em um contexto de aumento de apenas 32,84% do número de matérias (de 67 para 89) pode ser explicado pela abrangência dos atos do ex-presidente que deixam de ser de alcance nacional/global para pessoal/partidário. Em 2010, Lula era um ator político e econômico e a maioria das matérias estava focada no impacto de suas ações ao país. Já em 2018, as matérias falam sobretudo sobre sua vida pessoal, extrapolando para a vida partidária nacional e aumentando o número de referências nominais.

Tabela 2 – Número de aparições para cada termo em abril de 2018

Termos de referência a Lula em abril 2018	Número de aparições
Ex-presidente	217
Petista	91
Presidente	2
Ex-ocupante do Planalto	1
Líder petista	1
Total	312

Fonte: Elaboração própria (2019).

Percebe-se, em 2018, a popularização do termo "petista", pouco utilizado em 2010, e a aparição de termos novos, como "ex-ocupante do Planalto" e "líder petista", ambos utilizados apenas uma vez.

Nas capas, também é percebida essa diferenciação. Em dezembro de 2010, Lula foi chamado de "presidente" seis vezes e apenas uma vez de "petista". Já em abril de 2018, foi

caracterizado como "ex-presidente" 25 vezes e como "petista" 15 vezes.

Alguns outros termos aparecem com frequência nas matérias. Em 2010, temos quatro aparições do termo "petistas"; duas do termo "lulismo" e três do termo "administração petista". Já em 2018, o número de termos aumenta, assim como suas aparições. "Petistas" aparece 20 vezes, seguido por "petista" (sete aparições), "anti-Lula" (três), "lideranças petistas" (duas), "antipetista" (duas), "lulismo" (duas) e "lulista" (duas).

Também analisamos o tratamento dado à ex-presidenta Dilma Rousseff em relação a Lula. Buscamos notar de que modo ela era tratada em matérias referentes ao ex-presidente Lula.

Tabela 3 – Termos de referência a Dilma Rousseff nos períodos selecionados

Termos de referência a Dilma em dez.2010	Aparições	Termos de referência a Dilma em abril 2018	Aparições
Presidente eleita	14	Ex-presidente	7
Eleita	1	Sucessora na presidência	1
Sucessora	4	Então presidente	1
Petista	2	Petista	1
Futura presidente	2	–	–
Totais	23		10

Fonte: Elaboração própria (2019).

A Tabela 3 demonstra que, no caso da ex-presidenta, houve pouca diferença quanto ao modo como a Folha se refere a ela nos períodos selecionados. Nota-se que houve uma diminuição das citações a Dilma, o que é compreensível, considerando que em 2010 ela estava prestes a se tornar a próxima presidente e, em 2018, já havia sido vítima de *impeachment*.

Analisamos também sob que ponto de vista Lula é colocado nas matérias: se ele é um sujeito que realiza a ação (ativo) ou se é alguém que sofre a ação (passivo).

Um dos exemplos de Lula como um sujeito ativo é a matéria de Larissa Guimarães "Lula enaltece seu governo e afaga Dirceu", publicada na Folha de 16 de dezembro de 2010 (Figura 2). Nesta matéria, Lula possui um papel ativo pois realiza diversas ações e é colocado como sujeito à

frente, participando ativamente da tomada de decisões e sendo o principal foco do que é dito.

Figura 2 - Lula como sujeito ativo

Lula enaltece seu governo e afaga Dirceu

Em evento para 800 pessoas, presidente agradece ex-ministros e prevê que Brasil será 5ª economia em 2016

Balanco de realizações com 2.200 páginas foi registrado em cartório; petista cita aprovação de 80% e elogia Alencar

LARISSA GUIMARÃES DE BRASÍLIA

Diante de cerca de 800 convidados, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva enalteceu feitos de seu governo, alagou o ex-ministro José Dirceu, demitiu no mensa-lão, e previu que, sob Dilma Rousseff, o país será a quinta economia do mundo.

A duas semanas de deixar o governo, Lula reuniu mi-nistros, ex-ministros, sindi-calistas e governadores para apresentar um balanço —re-gistrado em cartório— de re-alizações de 2.200 páginas.

Lula agradeceu aos ex-co-laboradores por suas "contri-buições extraordinárias". Além de Dirceu, citou nomi-nalmente Marina Silva (PV), que deixou a pasta de Meio Ambiente em 2007, após atritos com Dilma, então minis-tra-chefe da Casa Civil.

A candidatura de Marina pelo PV acabou empurrando a eleição para o segundo tur-no e adiando a vitória de Dil-ma sobre José Serra (PSDB).

Lula disse que todos são

"sempre ministros". "Nós juntos passamos por mo-mentos difíceis e por mo-mentos gloriosos".

"O dado concreto é que a somatória dos erros e acertos que possamos ter cometido dá uma síntese —vamos ter-minar nosso mandato com mais de 80% de aprovação."

Para os que avaliam o go-verno como ruim ou péssi-mo, Lula pediu que enten-dam que "errar é humano".

A maior homenagem foi para o vice, José Alencar, que está em tratamento contra câncer. "Davidão que algum governante tenha um vice melhor. Nós provamos que um grande empresário e um médio sindicalista se junta-ram e fizeram pelo Brasil o que muitos outros pensavam que sabiam e não fizeram."

Dilma, que foi ao evento como ex-ministra, chegou a ser mais aplaudida que Lula.

O presidente citou a suces-sora várias vezes, afirmando que o país deverá subir para o posto de quinta maior eco-nomia do mundo até 2016, no que depender de "dona Dil-ma" e "dom Guido". O Brasil ocupa hoje a oitava posição.

As escolhas da eleita, se-gundo o petista, são "da ca-beça de cima", e não ordem. Ele afirmou que os ministros que ficarão no governo são "muitos mais amigos" de Dilma.

O BALANÇO DE LULA O dito e o não dito no que foi apresentado

 REALIZAÇÕES DIVULGADAS	 PONTOS NEGATIVOS
Números positivos de economia (como aumento do crescimento, redução de dívida pública) e redução do desenvolvimento na Amazônia	Omitiu a ajuda da bonança internacional até 2005, o uso de dados inflacionados, o risco de desindustrialização e decreto que ameaça governos
ÁREA DO BALANÇO Desenvolvimento sustentável e igualdade	
Ampliação do financiamento federal para educação básica, expansão do ensino superior e criação do Proim	Cidadania e inclusão social - educação
Apesar de anunciar o contró-rio, o número de matrículas no ensino médio caiu; omitiu tam-bém problemas com o Enem	
Saneu já cobre 1.200 cidades e 160 milhões de pessoas; transplantes fcom de 12 mil (2003) para 20 mil (2009)	Cidadania e inclusão social - saúde
Incidência da dengue voltou a crescer e programa de hemodiálise é menor que o necessário	
Campanha do desarmamento retirou 500 mil armas de circulação, e houve aumento de recursos federais	Cidadania e inclusão social - segurança
Controle sobre drogas e entra-da de armas continua precário, e o PP reduziu número de ações em 2010	
Programa Minha Casa Minha Vida, hidrelétricas, projetos de saneamento e outros do PAC	Infraestrutura
Não citou o adiamento do Luz para Todos, o atraso do trem-bala e disputas ambientais	
Aumento da presença inter-nacional do Brasil, criação de estratégia de defesa e reequi-pamento das Forças Armadas	Inserção no cenário mundial e soberania
Omitiu a política sobre o Itã, o fracasso da Rodada Doha e problemas crônicos do finan-ciamento da área militar	
Criação do Conselho, con-ferências setoriais, transfor-mação da Raiobras em EBC e aumento do contato com mídias regionais	Democracia e diálogo
Texto não cita a inocuidade do Conselho e das conferências, o gasto milionário da EBC e o "avorecimento financeiro a ó-gãos simpáticos ao governo	
PAC, Portal da Transparência, sorteios de fiscalização da CUI	Gestão do Estado e combate à corrupção
Omitiu mensalão, corrupção interna e convênios irregulares de ministérios	

Qualicorp
3 milhões de clientes

Eduardo Aquilino

Biografia de Alencar será lançada hoje

DE BRASÍLIA

Será lançado hoje à noite em Brasília o livro "José Alencar, Amor à Vida", biografia do vice-presi-dente da República dos oito anos do governo Luiz Inácio Lula da Silva.

Escrito pela jornalista da **Folha** Eliane Cantanhêde, o livro tem 400 páginas.

Ele conta a trajetória de Alencar desde menino pobre em Minas até se tornar um dos maiores empre-sários do país, vice-presi-dente da República e exemplo de esperança na luta contra o câncer.

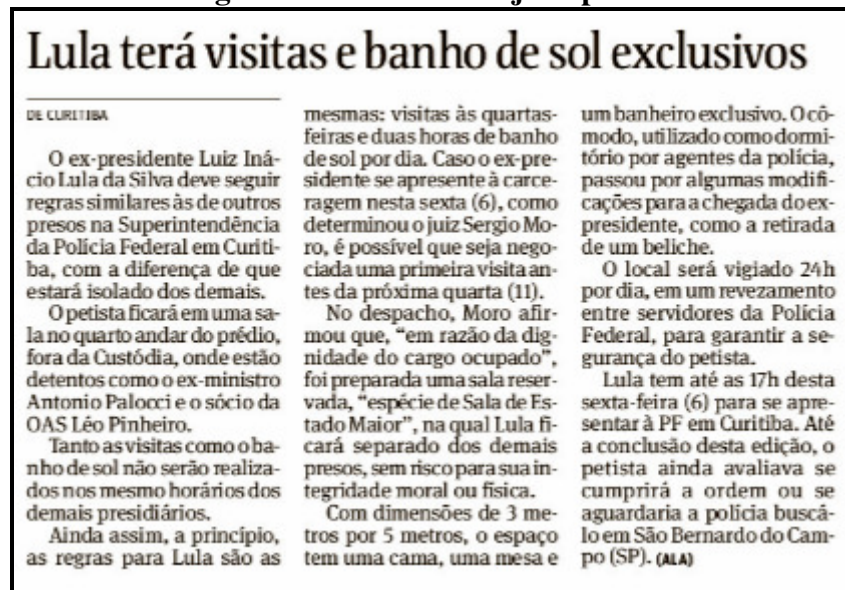
A obra marca a estreia de um novo selo da editora Sextante, o Primeira Pessoa, dedicado apenas à não-ficção: biografias, autobiografias e livros-re-portagens.

O lançamento será a partir das 19h, na Livraria Cultura do Shopping Iguatemi, no Lago Norte.

Fonte: Guimarães (2010, p. A10)

Um exemplo de matéria, na qual Lula é colocado de forma passiva é a matéria "Lula terá visitas e banho de sol exclusivos" da Sucursal de Curitiba da *Folha*, publicada em 06 de abril de 2018 (Figura 3).

Figura 3 - Lula como sujeito passivo



Fonte: FOLHA (2018a, p. A6).

Nesta matéria, Lula é visto como sujeito passivo pois não está à frente da tomada de decisões, já que o que acontecerá não depende dele, sofrendo as consequências das decisões de terceiros.

Depois de identificar o teor de cada matéria, elas foram distribuídas nestas duas categorias. Em 2010, Lula foi, na maioria das vezes, sujeito ativo nas matérias, tendo 44 matérias enquadradas nessa categoria. Ele foi definido como sujeito passivo em 22 das matérias, e como ativo/passivo em uma.

Já em 2018, Lula foi definido como sujeito ativo em apenas 16 matérias, e como passivo nas outras 73. Atribuímos esta discrepância ao fato de que, em 2010 Lula era presidente da República, com uma postura ativa, tomando decisões que influenciariam a vida de todos os brasileiros. Por outro lado, em 2018, ele já não possui mais esse poder e o seu futuro depende da decisão de outros, por isso ele aparece mais como sujeito passivo.

Sobre o tema das matérias, elas foram classificadas em dez categorias: *eleições, atos presidenciais, judiciário, discursos de Lula, discursos de outros, impactos na economia, manifestações, partidos, atos de Lula e outros*.

O tema *eleições* agrupa as matérias relacionadas ao período eleitoral, como intenções de voto, planos de governo e expectativas do eleitorado sobre os futuros governantes. Um exemplo é a matéria "Após pesquisa, PT reafirma candidatura" da Sucursal de São Paulo e de Brasília, publicada

em 16 de abril de 2018.

Após a divulgação da pesquisa Datafolha neste domingo (15), líderes petistas reafirmaram o plano de manter a candidatura do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva a presidente, enquanto tucanos disseram ver um cenário de 'completa indefinição' e Marina Silva (Rede) recebeu o resultado com cautela.

Lula lidera com até 31% nos cenários em que seu nome foi incluído. Sem ele, Marina apareceu empatada à frente com Jair Bolsonaro (PSL). Geraldo Alckmin alcança no máximo 8% das intenções de voto. A margem de erro da pesquisa é de 2 pontos percentuais, para mais ou para menos (FOLHA, 2018b, p. A13).

Como podemos perceber, esta matéria especula sobre o cenário eleitoral de 2018 e a possibilidade de nova eleição de Lula a presidente da República. Ela menciona as reações de alguns outros candidatos aos votos potenciais recebidos por Lula. Além disso, a matéria explora a estratégia política do PT de reafirmar a candidatura de Lula.

Na categoria *atos presidenciais* enquadraremos decisões oficiais de Lula enquanto estava na Presidência, como constam na matéria de Valdo Cruz *et al.* "Lula vetará partilha de royalty do pré-sal", publicada no dia 3 de dezembro de 2010. Nesta matéria, Lula aparece utilizando seu poder como presidente para tomar decisões.

O governo Lula irá vetar a nova distribuição de royalties do petróleo e o artigo que determina que a União compense financeiramente Estados e municípios produtores, sobretudo Rio de Janeiro e Espírito Santo, pelas eventuais perdas financeiras.

Segundo a Folha apurou, Lula já tomou a decisão do veto. Prefere fazê-lo ainda em seu governo, mas analisa também a hipótese de deixar para a presidente eleita, Dilma Rousseff (Cruz *et al.*, 2010, p. B4).

Na categoria *judiciário*, foram reunidas as matérias em que a Justiça tem o papel principal. A matéria "STF rejeita *habeas corpus* de Lula, que deve ser preso", escrita por Reynaldo Turollo Jr. e Letícia Casado, publicada em 5 de abril de 2018, é um exemplo disso. Podemos perceber nesta matéria que o Judiciário tem o papel principal, sendo Lula um coadjuvante, alguém que sofre o efeito das decisões que estão sendo tomadas naquele momento.

Por 6 votos a 5, os ministros do Supremo Tribunal Federal negaram nesta quarta-feira (4) *habeas corpus* preventivo pedido pelo ex-presidente Lula para evitar sua prisão.

A partir do quinto voto, da ministra Rosa Weber, o resultado contrário ao petista já era esperado. Rosa era vista como o fiel da balança para desempatar o resultado porque as posições dos demais magistrados já eram conhecidas. Seu voto era uma incógnita, e ela negou o pedido da defesa (TUROLLO JR; CASADO, 2018, p. A4).

Foram enquadradas na categoria *discursos de Lula* matérias em que a fala do ex-presidente

possui o foco principal, como a transcrição de seus discursos ou citações de suas falas oficiais. Um exemplo disso é a matéria "A militantes desanimados Lula volta a atacar 'golpe'", da Sucursal de São Paulo e de Brasília, publicada no dia 5 de abril de 2018. Neste caso, vemos o ponto de vista de Lula e suas falas transcritas diretamente.

O ex-presidente Lula fez um desabafo ao ser informado do voto da ministra do STF Rosa Weber. Segundo aliados, ele disse que nunca alimentou expectativas sobre o voto dela e chegou a ironizar a boa fé de petistas. 'Só vocês acreditaram nisso', disse Lula, referindo-se à esperança de um voto dela em seu favor.

Ainda segundo petistas, Lula insistiu na tese de que existe um golpe para tirá-lo da eleição e que os responsáveis não desistiriam dele agora. "Ninguém deu um golpe para deixar eu me candidatar (FOLHA, 2018c, p. A8).

Inserimos na categoria *discursos de outros* matérias que trazem as falas de outras figuras, como atores políticos, movimentos sociais e da população. A matéria de Ricardo Balthazar, publicada em 20 de dezembro de 2010, "Dirceu duvidou de recuperação de Lula após mensalão" demonstra isso. Encontramos poucas citações diretas nessa matéria, entretanto, ela demonstra as falas de José Dirceu, ex-ministro de Lula, mesmo que de maneira indireta.

O ex-ministro da Casa Civil José Dirceu deixou o governo em 2005 duvidando da capacidade que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva teria para se recuperar dos estragos que o escândalo do mensalão causou à sua imagem.

Dois meses depois do seu afastamento, Dirceu disse a um amigo americano que Lula dificilmente seria reeleito nas eleições de 2006 e afirmou que ele poderia desistir de concorrer a um novo mandato se ficasse "deprimido" (BALTHAZAR, 2010, p. A6).

A categoria *impactos na economia* foi criada para agrupar as matérias que descrevem como as ações de Lula acabaram impactando a economia, ou como seu governo afetou esses aspectos. A matéria "Sob Lula, cresce fosso entre salários público e privado" de Gustavo Patu e Pedro Soares, do dia 26 de dezembro de 2010, se enquadra nesta categoria. Esta matéria mostra que as ações de Lula, desde o começo de seu governo, tiveram um impacto direto nos salários e, conseqüentemente, na economia do país.

Os mesmos dados que mostram a queda do desemprego e o aumento da renda ao longo do governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva também apontam, ao serem decompostos, o aumento da desigualdade entre o emprego público e o trabalho no setor privado.

Segundo levantamento feito pela Folha a partir das pesquisas mensais de emprego do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), os rendimentos médios dos servidores públicos federais, estaduais e municipais, que já eram superiores, cresceram ainda mais que os da iniciativa privada nos últimos oito anos.

As diferenças começaram em 2006, ano em que a administração petista lançou o primeiro de dois pacotes de reajustes salariais generalizados para os funcionários do Poder

Executivo. Governadores e prefeitos também aproveitaram os ganhos de receita para beneficiar o funcionalismo (PATU; SOARES, 2010, p. A4).

A categoria *manifestações* fala sobre os protestos ocorridos pelo país, a favor ou contra Lula. Um exemplo é a matéria de Joelmir Tavares *et al.*, publicada no dia 4 de abril de 2018, "Atos contra habeas corpus a Lula reúnem milhares pelo país".

Em várias cidades do Brasil, manifestantes favoráveis à prisão do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) foram às ruas nesta terça-feira (3) para cobrar que o STF (Supremo Tribunal Federal) não conceda habeas corpus ao petista. Em São Paulo, ao menos oito quarteirões da avenida Paulista, entre a avenida Brigadeiro Luís Antônio e a rua Augusta, foram ocupados por manifestantes pedindo a prisão de Lula. Até as 19h, não havia estimativa do número de participantes (TAVARES *et al.*, 2018, p. A6).

Um outro exemplo é a matéria "'Vem buscar', gritam militantes sem-teto trazidos de ocupação para apoiar petista", de Anna Balloussier, Isabel Fleck e Catia Seabra, publicada no dia 6 de abril de 2018.

Um clima de *bunker* imperou nesta quinta-feira (5) no local onde quatro décadas atrás Lula começou sua carreira sindical. O Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, em São Bernardo, também sediou a queda de braço entre advogados do petista condenado a 12 anos de cadeia e líderes partidários. O primeiro grupo defendeu uma negociação com Moro, que deu a Lula até 17h de sexta (6) para se apresentar à Polícia Federal de Curitiba. O segundo queria partir para o confronto. "Tinham que vir prender aqui, no meio do povo, um gesto simbólico", disse o senador Lindbergh Farias (PT-RJ) [...] Do lado de fora do prédio decorado com um imenso mural com o rosto do ex-presidente, um coro de "vem buscar!" entoado por centenas de militantes – muitos trazidos de ônibus direto de uma ocupação vizinha do MTST (BALLOUSSIER, FLECK, SEABRA, 2018, p. A8).

Já a categoria *partidos* trata da disputa de projetos entre os diferentes partidos e as decisões estratégicas e ações objetivas de cada partido político de maior relevância. Na matéria de 30 de dezembro de 2010, escrita por Bernardo Mello Franco, "PT planeja 'festa bem povão' para recepcionar presidente", podemos ver um exemplo disso.

Com o aval da prefeitura petista, dirigentes do partido vão interromper o trânsito para montar um palanque em frente ao prédio dele, na avenida Prestes Maia. A promessa é de uma celebração longe do protocolo e, como reza o bordão carnavalesco, sem hora para acabar. "Queremos uma festa bem povão", diz o presidente municipal do PT, Wanderley Salatiel. "Vamos carregar o Lula nos braços. Vai ser como ele gosta: sem frescura" (FRANCO, 2010, p. A10).

Na categoria *atos de Lula*, agrupamos as matérias que tratam de ações de Lula não relacionadas com funções presidenciais. A matéria "Lula ignora prazo dado por Moro e negocia se entregar", da Sucursal de São Paulo, publicada no dia 7 de abril de 2018, é um exemplo desta categoria. Nesta matéria, percebemos que Lula é um sujeito ativo, tomando decisões.

O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) ignorou o prazo mencionado pelo juiz Sergio Moro para se entregar à Polícia Federal e passou a negociar com as autoridades apresentar-se nesse sábado (7) em São Bernardo do Campo.

Às 17h, horário limite para estar na sede da Polícia Federal em Curitiba, segundo o que constava no despacho de Moro, Lula ainda se encontrava na sede do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, seu berço político. Lá, ele havia passado a noite ao lado de apoiadores, que fizeram vigília.

Pela manhã, à Folha, o ex-presidente confirmou que não iria à capital paranaense. Ao longo do dia, houve especulações de que a PF iria à sede do sindicato para prender o petista, o que aumentou a tensão no local, cercado por milhares de apoiadores.

No fim do dia, no entanto, numa negociação de advogados petistas com as autoridades policiais, chegou-se a uma fórmula: Lula deve participar neste sábado de uma missa em memória de Marisa, sua mulher, morta no ano passado. Falará na homilia e então poderá ser preso, seguindo de jato da PF para Curitiba (FOLHA, 2018d, p. A4).

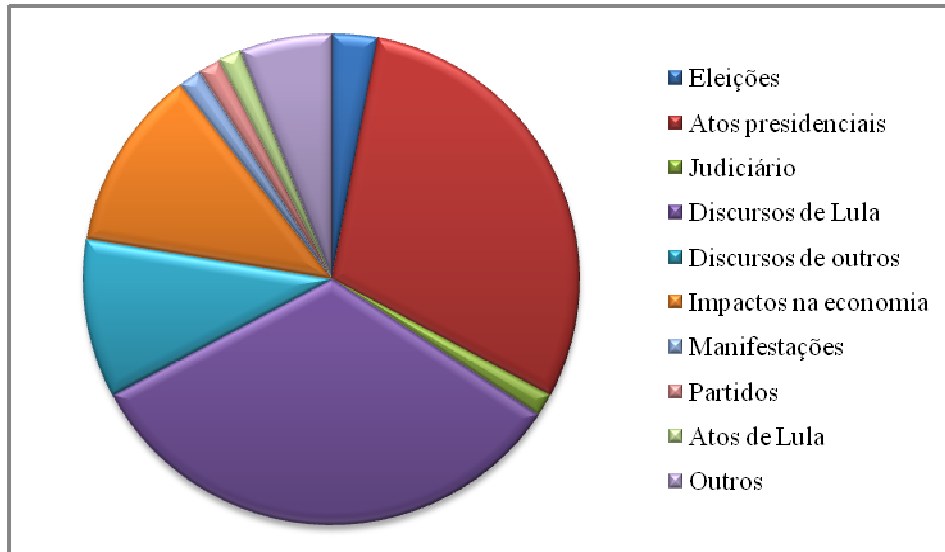
A última categoria é a *outros*. São matérias que não se enquadram em nenhuma das categorias anteriores e que não são homogêneas o suficiente para possibilitar a formação de uma nova categoria. Um exemplo é a matéria "Passaporte de petista é furtado de veículo", da Sucursal de Curitiba, publicada no dia 18 de abril de 2018.

A presidente do PT, senadora Gleisi Hoffmann (PR), afirmou nesta terça que objetos do ex-presidente Lula foram furtados do carro de um assessor no centro de Curitiba. Segundo a Polícia Civil, o crime ocorreu durante a madrugada.

Ela disse que o veículo foi arrombado e que levaram o passaporte e um talão de cheques de Lula, uma pasta com documentos, além de vestimentas e roupas de cama e cartas do ex-presidente (FOLHA, 2018e, p. A10).

Depois que todas as matérias foram agrupadas nas categorias supramencionadas, o número de matérias em cada uma delas foi contado, resultando nas Figuras 4 e 5 e na Tabela 4 abaixo.

Figura 4 - Proporção das categorias em 2010

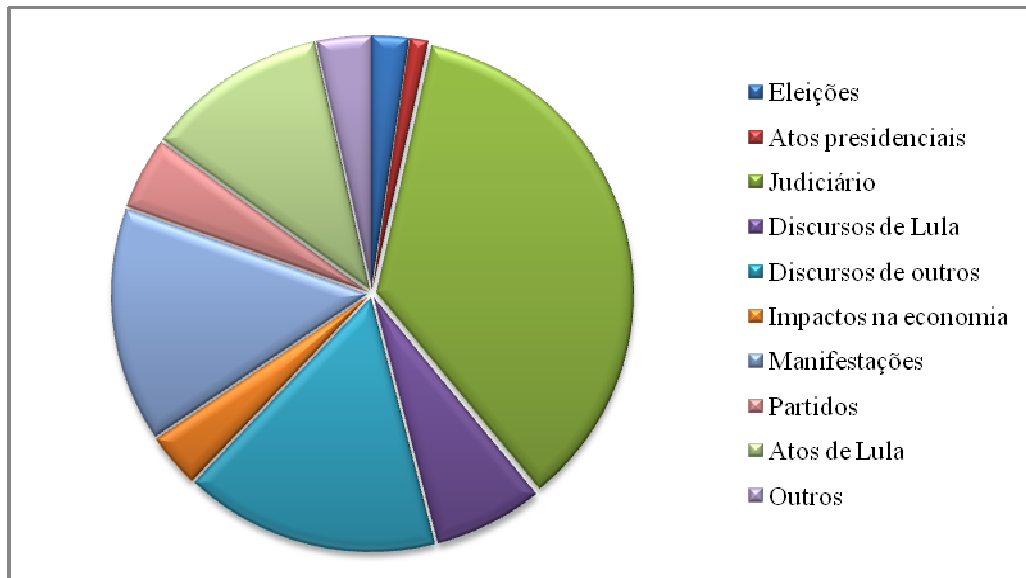


Fonte: Elaboração própria (2019).

Em 2010, a maior parte das matérias enquadra-se na categoria *discursos de Lula*, seguida pela categoria *atos presidenciais*. Como Lula era presidente na época, tudo que ele dizia ou fazia era de extrema relevância para a cobertura jornalística. Notamos também que as categorias *impactos na economia* e *discursos de outros* também tiveram um papel importante nessa época. O tema das *eleições*, *manifestações*, *partidos* e *judiciário* não aparecem muito nesse momento.

Em 2018, os temas mais citados são o de *judiciário* e *discursos de outros*. Isso é condizente com o cenário da época, com o Judiciário decidindo sobre o processo de Lula, sendo este o principal foco das matérias.

Percebe-se, entretanto, que Lula não possuiu muito espaço no noticiário jornalístico para seus discursos, mas que as manifestações também tiveram um destaque maior. As categorias *impactos na economia*, *partidos* e *outros* aparecem pouco nessas matérias.

Figura 5 – Proporção das categorias em 2018

Fonte: Elaboração própria (2019).

Na Tabela 4, podemos comparar a quantidade de matérias em cada categoria em 2010 e 2018. É importante lembrar que uma matéria pode se enquadrar em mais de uma categoria, levando o total a um número diferente do total de matérias. Entretanto, procuramos ver quais categorias eram mais relevantes em cada matéria, limitando um máximo de duas categorias por matéria.

Tabela 4 - Categorias em 2010 e 2018

Categorias	Matérias em 2010	Matérias em 2018
Eleições	2	9
Atos presidenciais	20	1
Judiciário	1	31
Discursos de Lula	22	6
Discursos de outros	7	14
Impactos na economia	8	3
Manifestações	1	13
Partidos	1	4
Atos de Lula	1	10
Outros	4	3
Total	67	94

Fonte: Elaboração própria (2019).

Como podemos observar na Tabela acima, a categoria *discursos de Lula* diminuiu 72%, o que causa estranhamento. Seus discursos, extremamente relevantes quando era presidente, deveriam ser ainda mais quando estava prestes a ser preso. Entretanto, Lula evitou se posicionar em vários momentos, deixando que outros falassem por ele.

Por outro lado, a categoria *discursos de outros* teve o número de matérias duplicado, mostrando que o jornal optou por outros pontos de vista além daquele do ex-presidente. Há que se destacar uma divisão entre os defensores da prisão de Lula e aqueles que pedem sua liberdade, afirmando tratar-se de um preso político.

Como podemos constatar, há grande diferença de categorias nos períodos selecionados. Enquanto em 2010 as matérias são mais focadas no trabalho de Lula como presidente e ele possui mais espaço para fala, em 2018 as matérias se focam em seu papel como indivíduo e seu espaço para a fala é reduzido.

A Tabela 5 mostra a interface entre as distintas categorias e o caráter ativo/passivo do ex-presidente Lula em cada uma das matérias, para os dois períodos selecionados. Deve-se ressaltar que uma mesma matéria pode ser inscrita em mais de uma categoria ou mesmo de uma classificação do caráter ativo/passivo.

Tabela 5 – Caráter ativo/passivo de Lula por categoria (2010)

Categorias	Ativo		Passivo	
	2010	2018	2010	2018
Eleições	0	0	2	9
Atos presidenciais	18	0	2	1
Judiciário	1	1	0	31
Discursos de Lula	22	6	1	0
Discursos de outros	0	0	7	15
Impactos na economia	3	0	5	3
Manifestações	0	0	1	13
Partidos	0	0	1	4
Atos de Lula	1	9	0	1
Outros	0	0	4	3
Total	45	16	23	80

Fonte: Elaboração própria (2019).

Na Tabela acima, podemos ver a drástica transformação na imagem pública de Lula, que passa de um ator poderoso no cenário político nacional e internacional a um ator passivo, condenado, e sem possibilidade de agir de forma independente no que se refere ao seu futuro.

Isso é particularmente visível ao se buscar a categoria *eleições*, na qual, apesar do aumento do número de matérias em abril de 2018, o seu caráter foi totalmente passivo. Considerando que Lula era a principal aposta do PT para as eleições de 2018, causa estranheza que o ex-presidente não tivesse voz ativa em nenhuma das matérias desta categoria no período.

À frente, aprofundaremos mais na linguagem utilizada nas matérias e analisaremos algumas delas.

2.3 O discurso da *Folha*

2.3.1 O termo “petista”

Na última década, as formas de participação política do povo brasileiro sofreram profundas alterações. Ampliou-se uma divisão entre grupos conservadores contra corrupção e militantes por direitos sociais e pela legalidade (mais progressistas). Grupos assumidamente conservadores usam símbolos específicos, como “a bandeira verde-amarela e o canto do hino nacional”, e defendem “mais veementemente pautas anticorrupção e antissistema”, como afirma Beatriz Jucá (2019, p. 1).

Acredita-se que essa divisão político-ideológica do país entre direita e esquerda já vinha mostrando seus sinais antes, mas foi ampliada no processo de *impeachment* da ex-presidenta Dilma Rousseff, com grupos defendendo a legalidade do processo e outros alegando não existir motivo para afastamento de Dilma do cargo.

Mais recentemente, à época da prisão de Lula (abril de 2018), esses grupos lutaram por pautas diferentes: de um lado, aqueles que apoiavam a prisão do ex-presidente e, de outro, os que acreditavam em sua inocência. No decorrer do processo eleitoral de 2018, nota-se a divisão em

grupos pró e contra Jair Bolsonaro. É, neste cenário, que cresce o uso do termo “petista”, chegando a ser usado, por militantes pró-Bolsonaro, como ofensa a opositores.

O termo “petista” teve vários sentidos ao longo do tempo. Como observaremos a seguir, isto pode ser exemplificado pelas matérias da *Folha de S. Paulo*, nas quais a forma e a quantidade de usos do termo se altera nos períodos analisados neste trabalho.

A análise quantitativa (Tabelas 1 e 2) demonstra que, em dezembro de 2010, o termo “petista” apareceu 22 vezes nas matérias do jornal Folha de S. Paulo. Este número ascendeu para 91 em abril de 2018, sofrendo um aumento de 313,64%. Para compreender este aumento, há que se buscar a origem do termo e de seu antônimo: antipetista.

Alberto Aggio (2004, p. 1), fazendo uma análise sobre a cultura política do petismo, afirma que o PT e o petismo se retroalimentam e, muitas vezes, o petismo, além de uma mentalidade, pode se configurar como uma cultura política:

Se o PT teve sua origem no contexto de oposição ao regime ditatorial de 1964, ocupando nele um lugar determinado como desaguadouro do movimento social, afastado e quase em integral dissenso com as forças de oposição política ao regime autoritário, seria interessante examinarmos a hipótese de, no contexto da “Nova República”, a partir de 1984, o petismo apresentar traços próprios a uma cultura política de rechaço em relação tanto ao sistema quanto aos atores políticos que se constituíam ou que se reinventavam no contexto da transição. A suposição aqui é que haveria uma determinada continuidade entre o petismo e a cultura política oposicionista cristalizada durante a vigência do MDB como o estuário das oposições ao regime ditatorial.

Já Rodrigo Oliveira (2018) reflete sobre o tema do antipetismo, dividindo-o em três fases, que se aproximam daquelas mencionadas por Azevedo (2017), já citado no referencial teórico.

Para Oliveira (2018), o antipetismo foi refundado nos últimos tempos, com consequências nas eleições e na visão do PT pelo público. Entretanto, que a primeira fase do antipetismo já explicaria a vitória de Fernando Collor de Melo em 1989. A imagem do PT como um partido comunista era amplamente repudiada pelo público em geral, contaminado pelo anticomunismo típico da Guerra Fria. O PT, que era contra a implantação de uma agenda neoliberal no Brasil, foi visto como inimigo.

Um segundo antipetismo – final da década de 90 e começo dos anos 2000 – foi consolidado, segundo este autor, graças à atuação do PSDB, que, durante alguns anos, dividira com o PT a imagem de partido progressista. Quando o PSDB se afastou e se tornou um partido de centro-direita, o PT se tornou o único grande partido progressista, ampliando seu isolamento.

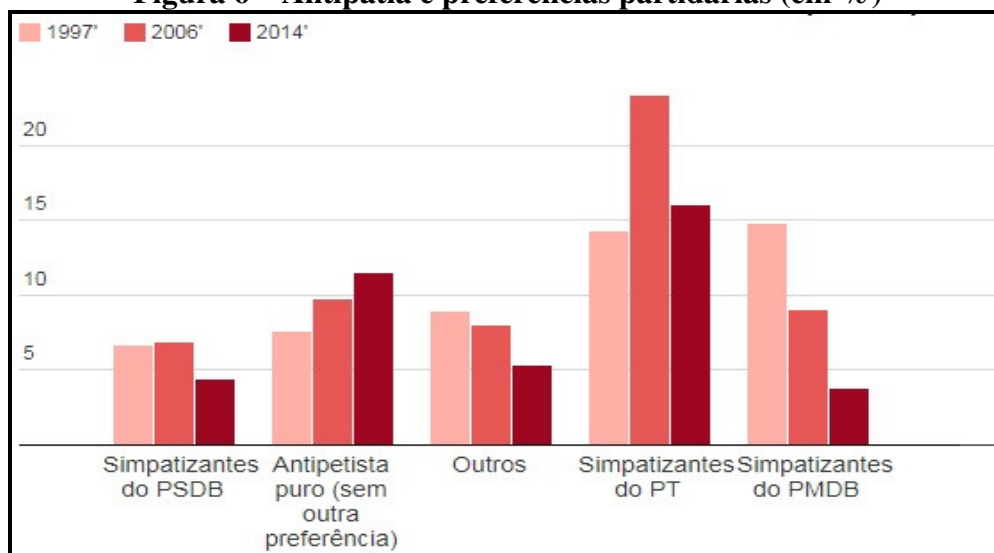
Para Oliveira (2018, p. 1), o novo antipetismo vem sendo plantado desde 2005, mas eclodiu em 2018, associando-se à bandeira da anticorrupção, hasteada por “uma aliança entre a mídia hegemônica, os atores políticos de oposição ao PT (o PSDB e o DEM, principalmente) e algumas instituições jurídicas e policiais do Estado, como o Ministério Público e a Polícia Federal”. A este agrupamento ele denomina “frente antipetista” que trabalharia com a espetacularização seletiva dos escândalos de corrupção, tendo como alvo o PT.

Este autor afirma que o objetivo dessa frente antipetista “sempre foi destruir o PT, para que o Estado brasileiro fosse refundado nos moldes ditados pelo neoliberalismo internacional” e que “o PT se tornou o principal obstáculo à plena realização do neoliberalismo no Brasil. Por isso, foi alvo do ódio, dos ataques” (OLIVEIRA, 2018, p.1).

Entretanto, outros estudos demonstram que, em 2014, já havia indícios de uma forte tendência de rejeição ao PT. Denise Paiva, Silvana Krause e Adriana Lameirão (2016) esboçaram o perfil do eleitor antipetista: branco (52%), com pelo menos ensino médio (58,2%), renda acima de cinco salários mínimos e habitante da região Sudeste, principalmente de São Paulo.

David Samuels e Cesar Zucco Jr. (2014 *apud.* Folha, 2016), igualmente, analisam o perfil do antipetista e as preferências partidárias no país, concluindo que “o PT segue sendo o partido mais querido e odiado do Brasil”. As preferências eleitorais, apontadas por este estudo, são retratadas na Figura abaixo.

Figura 6 – Antipatia e preferências partidárias (em %)



Fonte: David Samuels e Cesar Zucco Jr. (2014 *apud.* Folha, 2016).

É no contexto do antipetismo que Henrique Braga (2015) discorre sobre a deterioração do termo “petista” e questiona a razão de outros termos políticos, como “tucano”, não adquirirem conotação negativa.

Uma explicação possível, mas não definitiva, é o maior interesse dos grandes meios em destacar os malfeitos de um grupo que de outro. É visível que a imensa maioria das reportagens tomam o cuidado de não questionar como o sistema político e econômico tem favorecido mensalões por todos os lados e corrupção em estatais, preferindo relacionar tais problemas ao caráter de um grupo, substituível, de pessoas (BRAGA, 2015, p. 1)

A conotação negativa do termo é intensificada nas eleições de 2018, sendo todos os não eleitores de Jair Bolsonaro chamados de “petistas” pelos bolsonaristas ou de apoiadores de Lula, apesar da enorme divergência de orientações políticas no âmbito deste grupo.

Joabe Cavalcanti (2018, p.1) concorda com esse ponto de vista. Para ele, o termo “petista” virou sinônimo de alguém que possui ideias progressistas, mesmo que ele não vote ou esteja relacionada com o PT:

Assim, tornou-se comum o uso do termo petista como um adjetivo de caráter negativo usado por quem abraçou mais militantemente uma posição de direita. Petista tornou-se então um termo a ser usado como insulto ou ofensa. Conseqüentemente, se alguém questiona a parcialidade do judiciário, é porque é petista, ou seja, uma pessoa que defende a corrupção. Se alguém defende os direitos reprodutivos da mulher como política pública, o direito de escolha, tem que ser petista, significando, um abortista. Se alguém defende LGBT é um petista, nesse caso, uma pessoa pervertida que milita contra a moral e os bons costumes. Se alguém defende Direitos Humanos, é necessariamente um petista, pois defende bandidos. É muito comum hoje pessoas que não pertencem ao Partido dos Trabalhadores ao criticarem a prisão injusta de Lula, dizerem logo que não são petistas. Críticas ao Golpe de 2016, manifestações de defesa da democracia, afirmações de ideais da esquerda vem seguidas de justificativas como, “mas eu não sou petista”. Nesta eleição, a oposição a Bolsonaro vindo da Esquerda também é seguida de, “mas não sou petista”. Talvez a frase mais emblemática hoje seja, “ser contra Bolsonaro não significa ser petista, basta ter o mínimo de inteligência e um pouquinho de bom senso.” Isso mostra o quanto a campanha da Direita contra o PT colocaram progressistas de vários partidos e matizes na defensiva em relação ao não ser confundidos com o PT.

Este trecho desvela que, mesmo à esquerda do espectro político, o termo “petista” passou a ser algo a evitar, um sinônimo de corrupto, o que leva o antipetismo a ganhar força e o PT a se tornar símbolo do que um partido não deve ser.

Neste contexto, é interessante observar a maneira como a *Folha de S. Paulo* utiliza os termos dicotômicos petista/antipetista em sua cobertura. O termo “petista” apareceu em apenas 13 matérias em dezembro de 2010 (19,4% das 67 matérias) e em 41 daquelas do mês de abril de 2018

(46,06% das 89 matérias analisadas). Além do incremento do número de matérias em que o termo aparece, as aparições no âmbito de cada matéria também crescem, chegando o termo a ser usado 91 vezes em abril de 2018.

Com relação aos títulos das matérias, o termo “petista” aparece apenas uma vez nesta posição em 2010. Já em 2018, esse número sobe para 15. Isso pode ser explicado pelo fato de que, em muitos casos, já havia várias matérias se referindo a Lula na mesma página, porém, o Jornal possuía a opção de utilizar outros termos, como ex-presidente (que aparece em apenas três títulos).

Uma comparação das matérias de 2010 e 2018 permite-nos inferir que a forma de utilização do termo pela *Folha* transformou-se no tempo. Em uma análise em profundidade de algumas matérias, buscamos compreender a construção e o posicionamento do termo “petista” em cada uma delas.

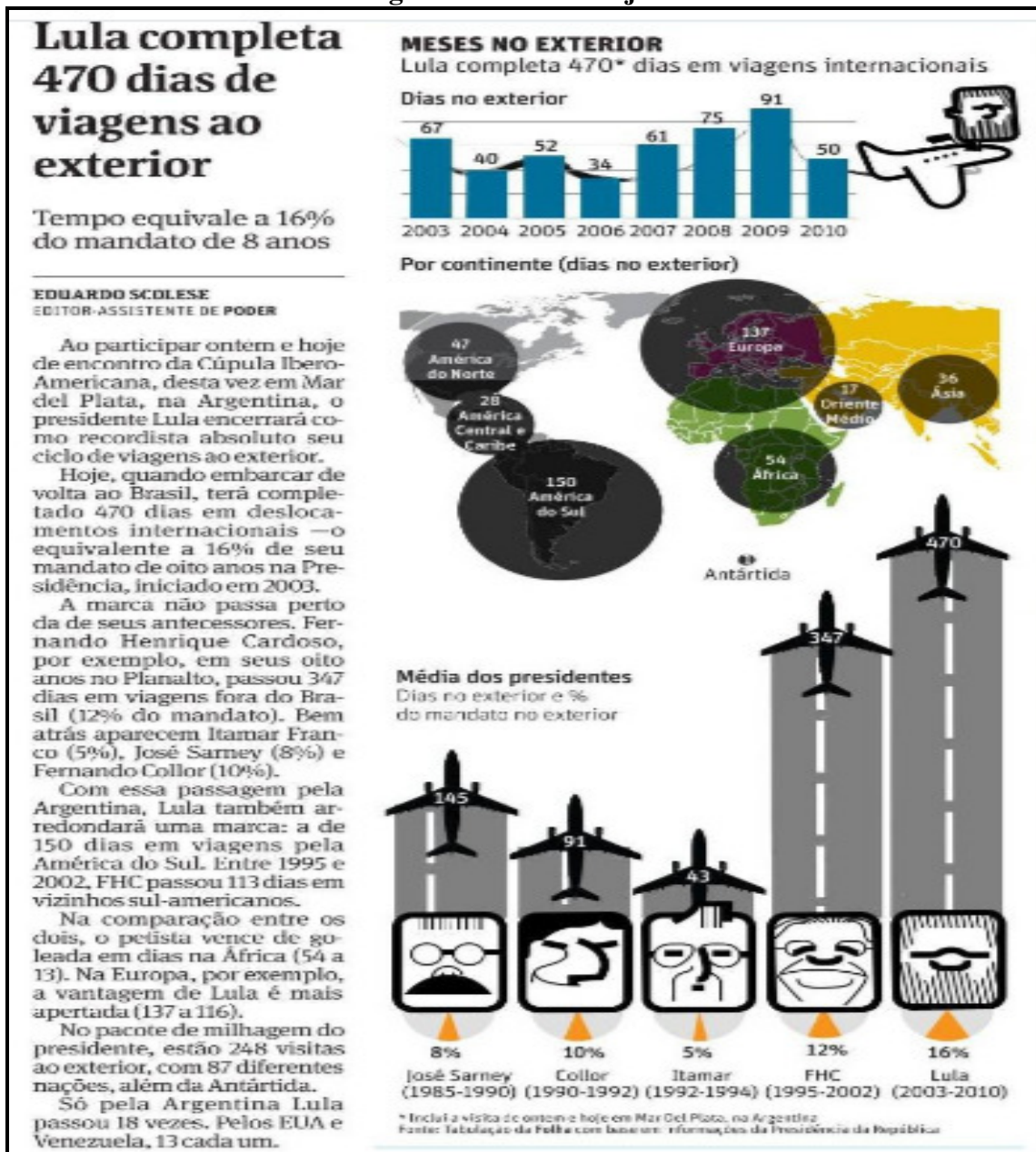
Aceitamos, portanto, o desafio proposto por Maria do Rosário Gregolin (1995, p. 20):

Para entender os sentidos subentendidos em um texto é preciso que o enunciador e o enunciatário tenham um conhecimento partilhado que lhes permita inferirem os significados. Esse conhecimento de mundo envolve o contexto sócio-histórico a que o texto se refere. A coerência semântica do discurso é obtida através da tematização e da figurativização. Na tematização os valores do texto são organizados por meio da recorrência de traços semânticos que se repetem no discurso e o tornam coerente. Na figurativização os temas são concretizados em figuras que lhes atribuem traços de revestimento sensorial.

Para analisar esses sentidos subentendidos, como já explicitado no Referencial Metodológico, foram escolhidas quatro matérias do período de dezembro de 2010 e quatro de abril de 2018. As matérias de 2010 tratam de três categorias diferentes (sendo as duas últimas da categoria *discurso de Lula*) e chamam atenção pelo título. Como observaremos na análise, muitas dessas matérias parecem ter um sentido negativo pelo título, mas, após uma leitura mais cuidadosa, percebe-se que não é este o caso. As quatro matérias de 2018 foram escolhidas pela maneira como o termo “petista” aparece nelas e tratam de três categorias diferentes.

As matérias serão analisadas por meio de suas categorias – já definidas no tópico anterior – e também pelo seu viés positivo, negativo ou neutro. Uma matéria foi considerada positiva quando reforça feitos de Lula ou quando fala sobre mais aspectos positivos do que negativos de sua pessoa ou gestões. Foi considerada negativa a matéria que ressalta pontos negativos e neutra quando ocorre um equilíbrio entre pontos positivos e negativos.

Figura 7 – Petista viajante



Fonte: Scolese (2010, p. A7).

Na Figura 7, reproduzimos a matéria do dia 4 de dezembro de 2010, de Eduardo Scolese. A matéria “Lula completa 470 dias de viagens ao exterior” discorre sobre as viagens para o exterior feitas por Lula e compara o número de dias em que o então presidente passou fora do país durante o seu mandato com os números de outros presidentes que o antecederam.

Esta matéria se enquadra na categoria *atos presidenciais*, pois se refere a viagens que Lula fez como presidente. Neste texto, notamos apenas uma ocorrência do termo “petista”, no quinto

parágrafo: “Na comparação entre os dois, o petista vence de goleada em dias na África (54 a 13)”. A palavra é utilizada para compará-lo com Fernando Henrique Cardoso, que passou menos tempo no exterior. Ao primeiro olhar, o título da matéria indicaria Lula como um presidente muito pouco comprometido com as responsabilidades do posto. Entretanto, os dados levantados pela matéria mostram o trabalho de Lula na cooperação entre países em desenvolvimento. Por esse motivo, a matéria é considerada neutra.

Figura 8 – Lula e seu instituto

Lula chama assessores do governo para seu instituto

Presidente vai levar Clara Ant, Paulo Okamoto, Luiz Dulci e Paulo Vannuchi

Possível colaboração do chanceler Celso Amorim na entidade, que será sediada em São Paulo, também está em estudo

KENNEDY ALENCAR
DE BRASÍLIA

Ao deixar o Palácio do Planalto em 1º de janeiro, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva levará pelo menos quatro integrantes do atual governo para trabalhar com ele no seu antigo Instituto da Cidadania, no bairro do Ipiranga, em São Paulo.

A **Folha** apurou que acompanharão Lula a assessora especial Clara Ant, o presidente do Sebrae, Paulo Okamoto, e os ministros Luiz Dulci (Secretaria Geral) e Paulo Vannuchi (Direitos Humanos).

Clara é uma das auxiliares mais antigas de Lula. Na Presidência, cuida da documentação que envolve o presidente diretamente — informes sobre audiências e projetos, além de documentos reservados de suas principais reuniões.

Okamoto deverá cuidar da parte administrativa do instituto, como fazia antes da eleição de Lula, em 2002.

Dulci e Vannuchi cuidarão de projetos de políticas públicas nas mais diversas áreas. Vannuchi já atuou no instituto com Lula.

AMORIM
O atual ministro das Relações Exteriores, Celso Amorim, deverá participar de ações do instituto, mas sua colaboração ainda está em estudo. Ou seja, não deve se dedicar integralmente, como outros auxiliares.

Lula chegou a procurar uma sede nova para seu instituto, mas não encontrou. Por isso voltará ao escritório do Ipiranga.

Após período de descanso, cuja duração ainda não definiu, Lula terá uma agenda internacional, mais voltada para programas de combate à fome na África.

Uma eventual candidatura à secretaria-geral da ONU (Organização das Nações Unidas) não está descartada, mas é um projeto com complicadores. O Brasil é um país que ampliou sua influência no cenário internacional, o que também aumentou o número de adversários.

A secretaria-geral da ONU tem sido conquistada por países periféricos.

O petista tem ainda planos de voltar a viajar pelo Brasil, nos moldes das Caravanas da Cidadania de 1994, para divulgar políticas públicas de seu governo que considera exitosas, como Bolsa Família e o ProUni.

A FUTURA EQUIPE DE LULA
Os assessores que irão auxiliar o presidente em seu instituto

Luiz Dulci
Cargo atual: ministro da Secretaria-Geral da Presidência

Ligado ao movimento sindical, foi um dos fundadores do PT e coordenou a campanha de Lula em 2002. Foi deputado federal e secretário do governo de Minas. Presidiu a Fundação Perseu Abramo, vinculada ao PT

Paulo Okamoto
Cargo atual: presidente do Sebrae

Foi da diretoria do sindicato dos metalúrgicos do ABC nos anos 80. Amigo de Lula, foi tesoureiro do PT. Pagou dívidas do presidente com o partido. Presidiu o Instituto Cidadania, criado para divulgar projetos de Lula

Clara Ant
Cargo atual: assessora de Dilma Rousseff

Boliviana naturalizada brasileira, foi dirigente da CUT e deputada estadual. Era assessora especial da Presidência quando foi cedida para trabalhar na campanha de Dilma. Fazia atas das reuniões de Lula

Paulo Vannuchi
Cargo atual: ministro da Secretaria de Direitos Humanos

Jornalista, militou na resistência ao regime militar. Trabalhou no livro “Brasil Nunca Mais”, levantamento das torturas e dos assassinatos durante a ditadura. Também presidiu o Instituto Cidadania

AMORIM
O atual ministro das Relações Exteriores, Celso Amorim, deverá participar de ações do instituto, mas sua colaboração ainda está em estudo. Ou seja, não deve se dedicar integralmente, como outros auxiliares.

Lula chegou a procurar uma sede nova para seu instituto, mas não encontrou. Por isso voltará ao escritório do Ipiranga.

Após período de descanso, cuja duração ainda não definiu, Lula terá uma agenda internacional, mais voltada para programas de combate à fome na África.

Uma eventual candidatura à secretaria-geral da ONU (Organização das Nações Unidas) não está descartada, mas é um projeto com complicadores. O Brasil é um país que ampliou sua influência no cenário internacional, o que também aumentou o número de adversários.

A secretaria-geral da ONU tem sido conquistada por países periféricos.

O petista tem ainda planos de voltar a viajar pelo Brasil, nos moldes das Caravanas da Cidadania de 1994, para divulgar políticas públicas de seu governo que considera exitosas, como Bolsa Família e o ProUni.

Fonte: Alencar (2010a, p. A4).

A matéria de Kennedy Alencar, “Lula chama assessores do governo para seu instituto”, do dia 11 de dezembro de 2010, aborda o tema do futuro de Lula depois da saída do governo e o termo

“petista” se encontra apenas no último parágrafo, indicando que, fora da Presidência, Lula passaria a ser apenas petista: “O petista tem ainda planos de voltar a viajar pelo Brasil, nos moldes das Caravanas da Cidadania de 1994, para divulgar políticas públicas de seu governo que considera exitosas, como Bolsa Família e o ProUni”. Esta matéria se enquadra na categoria *atos de Lula*, por não se tratar de decisões presidenciais e sim sobre o futuro de Lula após a saída do cargo, e o seu tom é neutro, discorrendo sobre as políticas públicas bem sucedidas do governo.

Já na matéria do dia 19 de dezembro de 2010, “Para Lula, política social e crescimento justificam aprovação”, de Kennedy Alencar, notam-se alguns aspectos importantes. O primeiro ponto a ser salientado é que, apesar de Lula ter obtido, segundo a pesquisa Datafolha, 83% de aprovação popular, o *lead* e o olho da matéria tocam pontos negativos. O termo “petista” aparece no olho associado à corrupção na frase: “Petista também procura justificar 6% que citam corrupção no governo dizendo que nunca se investigou tanto no país”. Enquanto isso, o *lead* destaca a má avaliação do governo em saúde pública, o que consideramos exagerado já que este índice de aprovação é um recorde de todas as pesquisas feitas pelo Instituto Datafolha.

Nas duas últimas vezes em que o termo “petista” aparece nesta matéria, o contexto frasal é mais positivo: “Pesquisa Datafolha publicada hoje revela que o petista registra a melhor marca na série histórica do instituto” (2º parágrafo); “Na visão de 13%, a economia foi a segunda área de melhor desempenho do petista” (5º parágrafo). Nestas frases, atrela não apenas o Lula, mas também o PT, à aprovação recorde na história do Instituto.

Esta matéria se encaixa no tema *discursos de Lula* e o seu tom é neutro, por mais que exista um exagero na construção do *lead* e do olho da matéria, que trazem os aspectos negativos do governo Lula, mesmo que a sua aprovação seja um recorde.

Figura 9 - Aprovação de Lula

Para Lula, política social e crescimento justificam aprovação

Sobre dados de pesquisa Datafolha, presidente atribui à oposição culpa pela baixa avaliação da área da saúde

Petista também procura justificar 6% que citam corrupção no governo dizendo que nunca se investigou tanto no país

DE BRASÍLIA

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva atribuiu à “combinação do desenvolvimento com as políticas sociais” a popularidade recorde com que chega ao final de oito anos de governo.

Pesquisa Datafolha publicada hoje revela que o petista registra a melhor marca na série histórica do instituto. Para 83% dos entrevistados, fez uma gestão ótima ou boa.

Na opinião de 13%, foi um governo regular. Apenas 4% o consideram ruim ou péssimo (leia mais no caderno especial “Os Anos Lula”).

De acordo com a pesquisa, 19% julgam que o governo Lula teve melhor desempenho no combate à fome e à miséria. “A questão social é a minha cara. É a cara da minha vida política, é a cara da minha origem política, é a cara de tudo do que eu participei”, disse à **Folha**.

Na visão de 13%, a economia foi a segunda área de melhor desempenho do petista

A geração de empregos veio em seguida, citada por 10%.

Para Lula, a explicação para essa boa avaliação é “pouco ressaltada no Brasil”, que é a “geração de empregos”.

Diz que o país vive uma fase com índice de desemprego baixo, de “quase pleno emprego”. Fala que, nos seus dois mandatos, o país gerou 15 milhões de empregos.

O Datafolha mostrou que a saúde é a área de pior desempenho do atual governo.

Para Lula, o motivo disso foi a derrubada, pela oposição, da CPMF, o antigo imposto do cheque, tributo que era destinado à saúde.

“Numa fatídica noite, os tucanos e o DEM, de ódio e de raiva, me tiraram, em quatro anos, R\$ 150 bilhões da saúde”, afirma o presidente Lula, ao comentar votação no Senado que derrubou a CPMF, em 2007.

Segundo o presidente, essa verba seria arrecadada pela contribuição em quatro anos e destinada ao “PAC [Plano de Aceleração do Crescimento] da Saúde”, projeto que não saiu do papel.

Em relação à opinião de 6% dos que consideraram a corrupção a área em que seu governo foi pior, Lula afirma: “Grande parte das denúncias contra o governo é feita pelo próprio governo”.

Citou a CGU (Controladoria-Geral da União) como exemplo de órgão que faz investigações que atingem o próprio Executivo federal.

“Se você somar todos os presidentes da República, ninguém investigou o tanto que nós investigamos. Nós prendemos policiais federais, prendemos mais de 1.500 servidores públicos. Tenho dito publicamente. Só existe um jeito de você não ser molestado. É você andar na linha.” (KENNEDY ALENCAR)

JANIO DE FREITAS
Excepcionalmente hoje não será publicada a coluna

“ Numa fatídica noite, os tucanos e o DEM, de ódio e de raiva, me tiraram, em quatro anos, R\$ 150 bilhões da saúde

LUÍZ INÁCIO LULA DA SILVA
sobre a votação que derrubou a CPMF

“ Só existe um jeito de você não ser molestado. É você andar na linha

Fonte: Alencar (2010b, p. A7).

Percebe-se a utilização do termo “petista” em uma matéria de viés negativo. Ela também se enquadra na categoria *discursos de Lula*, por se tratar do discurso de fim de governo do ex-presidente. Na matéria “Em despedida, Lula infla dados do governo na TV”, do dia 24 de dezembro de 2010, de Angela Pinho e Gustavo Patu, podemos perceber um tom de acusação no segundo parágrafo: “Nele, o petista afirma que o salário mínimo no seu governo teve ganho real de 67%, cifra mais modesta do que os 74% citados pela presidente eleita Dilma Rousseff durante a

campanha para o Planalto, mas também enganosa”.

Empregando a palavra “enganosa”, ao invés de “equivocada”, fica excluída a possibilidade de erro, afirmando-se que Lula inflou dados propositalmente. O termo “petista” aparece na mesma frase em que a palavra “enganosa” é empregada, reforçando-se o seu caráter negativo e apresentando o PT como um partido, cujo líder mente até em seu discurso de despedida apenas para parecer ter feito mais do que realmente fez.

Figura 10 - Mentiras e despedidas

PRESIDENTE 40 A TRANSIÇÃO

Em despedida, Lula infla dados do governo na TV

Presidente diz que mínimo subiu 67%, quando na verdade alta foi de 53,5%

Em fala de 11 minutos em rede nacional, petista diz que criou 14 universidades federais, mas apenas 5 são novas

**ANGELA PINHO
GUSTAVO PATU
DE BRASÍLIA**

No seu último e mais longo pronunciamento em rede nacional, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva se despediu dos brasileiros elencando uma série de dados inflados sobre a sua gestão.

O discurso, de 11 minutos, foi ao ar ontem às 20h. Nele, o petista afirma que o salário mínimo no seu governo teve ganho real de 67%, cifra mais modesta do que os 74% citados pela presidente eleita Dilma Rousseff durante a

campanha para o Planalto, mas também enganosa.

De 2003 a 2010, o mínimo teve oito reajustes, que ao todo chegaram a 53,5% acima da inflação acumulada.

Na campanha de 2002, Lula havia prometido duplicar o poder de compra do mínimo em quatro anos.

Ao falar sobre educação, o presidente também citou dados distorcidos sobre o Orçamento, afirmando que o gasto na área triplicou. Para chegar a esse resultado, o presidente ignorou a inflação acumulada no período.

O presidente também repetiu discurso propalado pelo Ministério da Educação segundo o qual foram criadas 14 universidades federais em seu governo. Dessas, apenas cinco são de fato novas. As demais são resultado de ampliação, fusão ou desmem-

bramento de instituições de ensino que já existiam.

Ao falar sobre pobreza, o presidente disse ter promovido “a maior ascensão social de todos os tempos”.

Não há estatísticas que compreendam períodos mais remotos, mas estudo de Sonia Rocha publicado em 2000 pelo Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) calculou que a proporção de pobres na década de 1970 caiu praticamente à metade, de 68,3% para 35,3%.

Com outra metodologia, o pesquisador Marcelo Néri, da FGV, estimou a queda da participação das classes D e E na população de 55% em 2003 para 39% em 2009.

‘ONDA DE FRACASSO’

Além de elencar feitos do governo, Lula afirmou que os brasileiros conseguiram afu-

gentar “a onda de fracasso que pairava sobre o país”.

“Se governamos bem foi, principalmente, porque conseguimos nos livrar da maldição elitista que fazia com que os dirigentes políticos deste grande país governassem apenas para um terço da população”, afirmou, criticando seus antecessores.

Lula também pediu que os brasileiros apoiem Dilma como o apoiaram e que não perguntem sobre o futuro dele. Em tom emocional, diz que vai viver “a vida das ruas”.

O pronunciamento foi gravado na segunda-feira na biblioteca do Palácio da Alvorada. A fala foi escrita pelo publicitário João Santana, que fez a campanha de Dilma, e revisada pelo ministro Franklin Martins (Comunicação) e pelo próprio Lula, que também deram sugestões.

Fonte: Patu; Pinho (2010, p. A4).

Além disso, o olho da matéria de Patu e Pinho (2010) associa o PT com mentiras: “Em fala

de 11 minutos em rede nacional, petista diz que criou 14 universidades federais, mas apenas 5 são novas”. Diante disto, entendemos o tom da matéria como negativo, já que à revelia dos dados apresentados pela *Folha* estarem corretos, consideramos o enfoque escolhido para abordar o assunto – os dados inflados – unilateral.

As matérias de 2010 demonstram que o termo “petista” não se encontra em evidência. Lula é apresentado, via de regra, como um representante do país e não, de seu partido, o que explica as poucas aparições do termo. A maioria das matérias analisadas neste tópico possui tom neutro.

Este contexto não se compara com o de 2018, no qual o termo “petista” se transforma em algo “definidor” de Lula, quase um sinônimo.

Na matéria de Catia Seabra e Marco Rodrigo Almeida, do dia 4 de abril de 2018, que se enquadra nas categorias *discursos de Lula* e *discursos de outros*, podemos perceber a utilização do termo.

O termo “petista” já se encontra no título da matéria de Seabra e Almeida (2018). O que poderia ser explicado pela existência de outras matérias sobre Lula nas mesmas páginas não esconde o fato de que outros termos, como “ex-presidente”, poderiam ser usados pelos autores que preferiram trazer, para o lado de uma suposta “guerra” do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), a imagem de um partido envolvido em crimes de corrupção, tendo Lula como seu principal representante.

Patrícia Augsten (2019, p. 103), que analisou a cobertura da *Folha* com relação à Operação Lava Jato, incluindo a prisão de Lula, da qual tratamos neste trabalho, refletiu sobre o uso deste termo pelo Jornal: “a palavra ‘petista’, neste contexto histórico e social, não tem o significado de uma pessoa ser de determinada sigla partidária, no caso o PT, mas sim, carrega todo o estigma de partido corrupto”.

Figura 11 – Guerra e paz

Petista fala em paz, mas MST promete guerra

CATIA SEABRA
MARCO RODRIGO ALMEIDA
DE SÃO PAULO

O ex-presidente Lula orientou seus apoiadores a não hostilizarem a Justiça durante o julgamento de seu pedido de habeas corpus para evitar a ideia de pressão externa sobre o Supremo.

Apesar das recomendações, o coordenador do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra João Paulo Rodrigues falou em guerra caso o petista perca. Ele deu a declaração nesta terça (3), após visita ao Instituto Lula.

“Não vamos dar paz ao Judiciário se mantiver o erro da condenação”, disse. “Temos que estar preparados. Vai ser duro qualquer que seja o resultado. Se ganhar [Lula], a direita vai ficar com muita raiva. Tem que ficar calmo, sem comemorar. Se perder, é muita guerra e muita luta.”

O sem-terra também relatou aos dirigentes do instituto detalhes da organização do movimento para esta quarta

(4). Segundo ele, a orientação é priorizar as capitais, especialmente Brasília, para onde foram enviados 35 ônibus, e São Bernardo do Campo.

A ordem é acompanhar o ex-presidente com vigílias diante de seu apartamento, não só durante o julgamento, mas nos dias que o sucederem. Embora tenha conversado com também com Lula, João Paulo afirmou que o ex-presidente evitou falar sobre o julgamento.

EM CASO DE PRISÃO

Além do planejamento para o julgamento, os aliados de Lula já têm traçado um plano de contingência para eventual expedição de mandado de prisão pelo juiz Sergio Moro. A intenção é garantir que o petista esteja cercado de amigos e apoiadores nesse caso. A orientação, segundo petistas, não é dar resistência ao cumprimento da ordem, mas evitar que Lula esteja sozinho no momento de sua consumação.

Aliados de Lula afirmaram que o ex-presidente está preocupado com o risco de con-

frontos, e ameaça até se apresentar ao menor sinal disso.

Nesta quarta haverá uma concentração às portas do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, em São Bernardo do Campo, onde mora o ex-presidente. É lá que Lula deverá assistir ao julgamento do STF.

Por volta das 14h desta terça, uma chuva esfriou os ânimos e dispersou manifestantes em ato em defesa do petista em frente ao prédio em que ele mora. O evento fora convocado por PT, CUT e MTST. A chuva arrefeceu os gritos de “Lula presidente”, os movimentos das bandeiras vermelhas e os batuques de tambor.

Segundo a organização, o ato teve início com 200 participantes. Por volta das 16h, mais da metade já havia deixado o local.

Para evitar a dispersão, membros da CUT distribuíram capas de chuva. A capa, porém, era azul, cor associada ao PSDB, o que gerou piadas no local. “Prefiro tomar chuva a me vestir como tucano”, gritavam alguns.

Fonte: Seabra; Almeida (2018, p. A6).

Mais uma vez o título passa uma impressão errada da matéria, sugerindo tratar-se de uma rebelião e guerra do MST contra os que não acreditam na inocência de Lula, assim como o segundo parágrafo: “Apesar das recomendações, o coordenador do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra João Paulo Rodrigues falou em guerra caso o petista perca”. Entretanto, ao ler o terceiro parágrafo percebe-se que, apesar do entrevistado ter utilizado o termo “guerra” em seu discurso, o sentido é de luta por justiça para Lula, e não de confronto direto com envolvidos na prisão do ex-

presidente.

Além do título, encontramos o termo “petista” em duas outras ocorrências e “petistas” em mais uma: “A orientação, segundo petistas, não é dar resistência ao cumprimento da ordem, mas evitar que Lula esteja sozinho no momento de sua consumação (6º parágrafo)”; “Por volta das 14h desta terça, uma chuva esfriou os ânimos e dispersou manifestantes em ato em defesa do petista em frente ao prédio em que ele mora” (9º parágrafo). Nesta última ocorrência, ao dizer que a chuva esfriou os ânimos, passa-se a ideia de que os manifestantes estavam muito revoltados com a possível prisão de Lula e liga essa imagem com o PT, utilizando “ato em defesa do petista”.

A palavra “ex-presidente” aparece quatro vezes na matéria, mas nenhuma delas liga-se à suposta “guerra” do MST. Em suma, há um esforço para ligar a imagem do PT corrupto com um MST antidemocrático, que não aceita uma decisão do Judiciário sem ameaçar guerra. Não é um ex-presidente qualquer que está associado a isso, mas um petista. Isso traz a imagem do PT na primeira fase pensada por Azevedo (2018), que vai de 1980 a 2001, na qual o partido era visto como radical. Como a matéria destaca esse aspecto, enquadrrou-se no tom negativo.

A ligação deste movimento social perigoso ao PT retoma a imagem de partido radical, de que é exemplo a matéria “Paraná avalia locais para prisão de petista”, de Wálter Nunes (2018, p. A8), publicada no mesmo dia: “Os investigadores das duas polícias estão monitorando principalmente as atividades de movimentos sociais como o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) e MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem Teto), que devem protestar em caso de prisão do petista”. Neste trecho, percebe-se que o protesto é visto como algo ameaçador e subentende-se que Lula incentivava a revolta dos manifestantes em relação à sua possível prisão.

Na matéria de Cátia Seabra *et. al.*, “Petista envia 3 emissários para falar com PF”, do dia 7 de abril, podemos perceber uma grande repetição do termo “petista”:

Figura 12 - Expectativa da prisão

Petista envia 3 emissários para falar com PF

Ex-presidente não segue orientação de se entregar, mas, segundo Moro, não pode ser considerado um foragido

Prisão de petista deve ser realizada após missa em São Bernardo para Marisa, sua mulher, morta em 2017

DE SÃO PAULO
E BRASÍLIA

O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva ignorou o prazo estabelecido pelo juiz federal Sergio Moro de se entregar em Curitiba até as 17h desta sexta-feira (6). Os advogados do petista passaram a negociar condições para sua apresentação à PF (Polícia Federal).

Lula deve se entregar neste sábado (7) após uma missa de celebração do 67º aniversário de dona Marisa Leticia, morta em fevereiro de 2017.

A cerimônia será às 9h30 na sede do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, em São

Bernardo do Campo (SP), onde ele chegou na quinta-feira (5) e de onde não saiu mais.

O ex-presidente foi condenado a 12 anos e 1 mês de prisão na Lava Jato por corrupção passiva e lavagem de dinheiro no caso do triplex em Guarujá (SP).

Pelo acordo, Lula deverá fazer um pronunciamento durante a homilia da missa.

Segundo aliados do ex-presidente, ele, lideranças petistas e movimentos de esquerda só admitiam, até a tarde desta sexta, uma possibilidade para a prisão: a de que PF fosse obrigada a buscá-lo na sede do sindicato.

A decisão de se entregar foi antecedida de tensão e debate no sindicato. Às 18h, após Lula concordar com a apresentação, três emissários do petista foram à PF, em São Paulo, para negociar as condições da prisão.

A corporação suspendeu à

noite o cumprimento do mandado de prisão. A PF descartou enviar agentes ao sindicato para evitar conflitos com manifestantes que cercavam o sindicato.

Lula deve ir para a capital paranaense em um jatinho da PF. A defesa afirma que, com o bloqueio de bens imposto por Moro, ele não tem recursos para custear a viagem.

Um petista resumiu que a fotografia da prisão não será como Moro queria nem como Lula desejava.

Até a conclusão desta edição, o ex-presidente seguia na sede da entidade.

À **Folha**, por telefone, o petista disse já pela manhã que não iria à capital paranaense. Declarou ainda que estava tranquilo, bem disposto, e que, pela manhã, fez seus exercícios matinais.

“Não haverá resistência, mas ele não irá para o matadouro de cabeça baixa, por li-

vre e espontânea vontade”, disse o advogado José Roberto Batochio.

Segundo a 13ª Vara Federal do Paraná, Lula não é foragido. No mandado de prisão, Moro fez a sugestão para que o petista se entregasse “em razão da dignidade do cargo que ocupou”.

No TRF-4 (Tribunal Regional Federal da 4ª Região), em Porto Alegre, a defesa de Lula alega ter o direito a mais um recurso — os embargos dos embargos.

Batochio e Cristiano Zanin Martins, que integram a defesa de Lula, decidiram ingressar com uma reclamação no STF contra a ordem de Sergio Moro.

Na quarta-feira (4), o pedido de habeas corpus na corte foi negado por seis a cinco.

Nesta sexta, o ministro Felix Fischer, do STJ (Superior Tribunal de Justiça), também negou um pedido de habeas

corpus ao petista.

CONTAGEM REGRESSIVA

Passaram pelo prédio, cercado por sem-teto, sem-terra, sindicalistas e simpatizantes do petista, lideranças como os presidentes Manuela D’Ávila (PC do B) e Guilherme Boulos (PSOL), o vereador Eduardo Suplicy (PT), a ex-presidente Dilma Rousseff, deputados e senadores.

“Fiquemos aqui no foco da luta, que é São Bernardo”, disse a presidente nacional do PT, a senadora Gleisi Hoffmann (PR). Nos anos 1970, o sindicato projetou Lula ao mundo político.

Líder do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST), Boulos disse que Moro será vencido pelo cansaço.

“Não estamos desrespeitando decisão de ninguém, até porque não fomos nós quem rasgou a Constituição e condenou sem provas.”

No carro de som, o senador Lindbergh Farias (PT) engrossou o coro para que Lula não se apresente à PF. “Se queriam matar Lula politicamente, estão transformando cada vez mais num gigante, num mito”, afirmou o senador.

Ao longo do dia Lula acenou da janela para os militantes que estavam do lado de fora do sindicato. Estava previsto um pronunciamento às 16h, mas ele não falou ao público até a conclusão desta edição.

À tarde, os militantes fizeram contagem regressiva para as 17h. Assim que o prazo se esgotou, manifestantes prometeram uma “muralha humana” e gritaram “não tem arrego”. (CATIA SEABRA, RICARDO KOTSCHO, ISABEL FLECK, ANA VIRGINIA BALLOUSSIER, GÉSSICA BRANDINO, RICARDO BALTHAZAR, RODRIGO BORGES DELFIM, JOSÉ MARGUES, MARIO CESAR CARVALHO, CAMILA MATTOSO, MARINA DIAS)

Fonte: Seabra *et. al.* (2018, p. A6).

A matéria, retratada na Figura 12, fala sobre a possibilidade de Lula se entregar à polícia. Nela, o termo “petista” aparece, no título e mais sete vezes e assume variantes, como “lideranças petistas” e “um petista”, referindo-se a um apoiador de Lula. O termo aparece próximo à palavra prisão, associando o PT à imagem de um partido liderado por presos, como podemos perceber nos seguintes trechos: “Prisão de petista deve ser realizada após missa em São Bernardo para Marisa, sua mulher, morta em 2017”, no olho da matéria: “No mandado de prisão, Moro fez a sugestão para que o petista se entregasse ‘em razão da dignidade do cargo que ocupou’”, no décimo quarto parágrafo e “Às 18h, após Lula concordar com a apresentação, três emissários do petista foram à PF, em São Paulo, para negociar as condições da prisão”, no sétimo parágrafo.

O trecho “Segundo aliados do ex-presidente, lideranças petistas e movimentos de esquerda só admitiam, até a tarde desta sexta, uma possibilidade para a prisão: a de que a PF fosse obrigada a buscá-lo na sede do sindicato” traz a ideia de que lideranças petistas queriam um conflito, passando novamente a imagem do PT como um partido radical.

Outros trechos relacionam o termo “petista” com os processos da prisão de Lula, entretanto, sem se utilizar desta palavra: “Os advogados do petista passaram a negociar condições para sua apresentação à PF (Polícia Federal)”, no primeiro parágrafo; “À Folha, por telefone, o petista disse já pela manhã que não iria à capital paranaense”, no décimo segundo parágrafo; e “Nesta sexta, o ministro Felix Fischer, do STJ (Superior Tribunal de Justiça), também negou um pedido de habeas corpus ao petista”, no décimo oitavo parágrafo.

O termo também aparece nestes outros trechos: “Um petista resumiu que a fotografia da prisão não será como Moro queria nem como Lula desejava” (décimo parágrafo); “Passaram pelo prédio, cercado por sem-teto, sem-terra, sindicalistas e simpatizantes do petista, lideranças como os presidentiáveis Manuela D’Ávila (PC do B) e Guilherme Boulos (PSOL), o vereador Eduardo Suplicy (PT), a ex-presidente Dilma Rousseff, deputados e senadores” (décimo nono parágrafo), que possuem aspecto mais neutro. Esta matéria se enquadra na categoria *atos de Lula*, na qual o ex-presidente aparece como uma figura ativa, porém sem falas diretas. Embora, em uma primeira leitura, a matéria possa parecer neutra, ela assume um tom negativo.

Na matéria “A paixão de Lula”, do dia seguinte à sua prisão (8 de abril de 2018), de Isabel Fleck *et. al*, retratam-se todos os movimentos de Lula em direção à prisão.

O termo “petista” aparece sete vezes nesta matéria relacionado a Lula, sendo que algumas delas aparecem em frases ligadas ao Juiz Sérgio Moro e à prisão do ex-presidente, como: “A ideia surgiu na tarde de sexta-feira (6), pouco antes do prazo de 17h estipulado pelo juiz Sergio Moro para que o petista se apresentasse em Curitiba”, no segundo parágrafo, “Ao fim da celebração, o petista não se entregou, como inicialmente previsto”, no sexto parágrafo, “O pedido inicial foi para que a rendição fosse na segunda, mas o acordo acabou sendo de que o petista se entregaria após a cerimônia de sábado”, no quadragésimo terceiro parágrafo. Estes trechos, mais uma vez, ligam PT e prisão, reforçando a ideia de que não é apenas Lula que está sendo preso, sendo um símbolo de todo o Partido.

Figura 13 - Prisão de Lula

A paixão de Lula

Trajetória do ex-presidente até a prisão, com enredo de martírio, teve como capítulos finais discurso em missa e entrega em meio ao povo

DE SAÍDO ORLANDO (S)
DE BRAGA (L)

O enredo do calvário que levou Luiz Inácio Lula da Silva à prisão neste sábado (7) ganhou o rito que faltava quando aliados próximos ao ex-presidente encalharam uma missa em homenagem a Marisa Letícia como último passo antes de sua entrega à polícia.

A ideia surgiu na tarde de sexta-feira (6), pouco antes do prazo de 17h estipulado pelo juiz Sérgio Moro para que o petista se apresentasse em Curitiba.

Em meio a discussões sobre alternativas para Lula na sala que se tornou o quartel-general de sua resistência no Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, em São Bernardo, nos últimos três dias, a efeméride do aniversário de Marisa, que completaria 68 anos no sábado, se mostrou a melhor opção para adiar a prisão em mais algumas horas.

Mas não só isso. A celebração seria a oportunidade de atingir o tom emocional pretendido. A fala de Lula, tão aguardada por toda a militância reunida em São Bernardo desde a quinta-feira, viria, enfim, numa homilia.

Em missa celebrada em cima do carro de som, ao lado

de lideranças do PT e de aliados, Lula falou ainda como candidato, cujo “único crime” foi ter “colocado pobre e negro na universidade” e permitido que “comprassem carro e andassem de avião”.

Ao fim da celebração, o petista não se entregou, como inicialmente previsto. O locutor, no carro de som, chegou a anunciar que o ex-presidente teria passado mal, mas depois tranquilizou os militantes.

Lula ainda ficaria por mais quatro horas no sindicato, e, após tumulto, saiu caminhando em meio aos apoiadores para se entregar. A imagem não era exatamente a que lideranças petista desejava desde o início — sua ideia era de que a polícia buscasse Lula em meio ao povo —, mas pareceu funcionar.

Foram 48 horas de martírio público desde que a notícia de que Moro decretara sua prisão pegou de surpresa Lula, sua defesa e seu núcleo mais próximo às 18h de quinta (5).

O ex-presidente estava desde as 10h na sede do Instituto Lula, em São Paulo, discutindo os passos seguintes após o STF (Supremo Tribunal Federal) negar seu habeas corpus preventivo naquela madrugada.

Eles contavam com, pelo menos, mais cinco dias de li-

berdade, considerando o prazo para que apresentassem ao TRF-4 os chamados embargos dos embargos de declaração já negados por aquele tribunal.

Mas às 17h31, quando o advogado Cristiano Zanin falava aos jornalistas que eles não trabalhavam “com a hipótese de prisão”, o TRF-4, em Porto Alegre, publicava o ofício determinando a execução da pena. Menos de 30 minutos separaram a declaração do advogado do anúncio oficial da prisão por Moro.

Dentro do Instituto, onde estavam também a ex-presidente Dilma Rousseff e lideranças aliadas, os planos, que inicialmente eram de fazer uma vigília às 18h de sexta-feira no Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, berço político de Lula, foram alterados.

Com o prazo de Moro para que o petista se entregasse até as 17h do dia seguinte, era preciso começar a mobilização logo, sob o risco de que suas últimas horas em liberdade não se tornassem um episódio épico.

ROMARIA

Lula seguiu logo depois para São Bernardo, onde se refugiou na sala da presidência do sindicato, posto que ele ocupou pela primeira vez em 1975 e para o qual foi reeleito em 1978.

A porta da sala no segundo andar permaneceu fechada e guardada, a partir de então, por sindicalistas. Só podiam entrar políticos, integrantes do Instituto Lula, militantes mais graduados ou quem conseguisse a intercessão de algum deles.

Instalou-se então uma romaria, com uma pequena fila em frente à porta, enquanto os demais militantes eram mantidos fora do cercadinho delimitado por grades. Muitos se espremiavam cada vez que a porta abria, para tentar ver o ex-presidente, sem sucesso.

Dali, só se via a antessala. Lula, na maior parte do tempo, ficou na parte da sala onde há uma mesa de reuniões e sempre rodeado de políticos e apoiadores mais próximos.

Ao longo da noite, o cercadinho foi ampliado duas vezes, aumentando junto a expectativa de que o ex-presidente saísse em breve para falar. Da janela, Lula acenou para os apoiadores que ocupavam a rua.

Mesmo o acesso ao segundo andar, onde a Folha ficou até a madrugada, foi limitado para uma parte dos militantes — os demais esperavam, desde as 20h, por uma aparição de Lula no piso de cima.

Enquanto ele não vinha, o clima era de descontração e

de tietagem aos políticos que prestavam apoio ao petista.

A selfie mais concorrida era com a presidente do PT, Gleisi Hoffmann, até que Dilma apareceu. Apesar de visivelmente incomodada com os ostensivos pedidos para fotos, a ex-presidente sorriu para algumas e até celebrou, erguendo os braços, os gritos de “Dilma guerreira da pátria brasileira” e “minha senadora” — ela deve se candidatar por Minas.

Outra presença constante foi dos candidatos à Presidência Guilherme Boulos (PSOL) e Manuela D’Ávila (PC do B) — que, no sábado, seriam recompensados com a bênção política de Lula durante a missa. Petistas como o senador Lindbergh Farias (RJ) e o deputado Paulo Pimenta (RS), também circulavam entre os militantes.

Durante todo o dia seguinte, políticos com menos expressão aproveitaram os holofotes para marcar posição de apoio ao ex-presidente, que apareceu à frente das pesquisas de intenção de voto ao Planalto (até 37%, segundo o último Datafolha) apesar da condenação em segunda instância, que o torna inelegível pela Lei da Ficha Limpa.

RESISTÊNCIA

Enquanto do lado de fora da sala da presidência do sindicato a possibilidade de Lula se entregar à Polícia Federal era repudiada com indignação por militantes e políticos, dentro dela, o tom era outro.

Filhos e netos do ex-presidente defendiam, como opção mais segura, que ele se apresentasse.

A visão era oposta à das lideranças do PT e do PSOL, que sustentaram desde o início a ideia de “resistência pacífica”, inclusive com a formação de um “cordão humano” para impedir, em frente às câmeras, que o ex-presidente fosse levado por policiais.

No meio termo, estava a defesa, que alertava Lula sobre o risco do juiz Sérgio Moro decretar a prisão preventiva se ele não se entregasse, o que poderia prejudicá-lo em seus outros processos.

No fim da noite, às 23h47, os advogados protocolaram um novo pedido de habeas corpus ao STF (Superior Tribunal de Justiça), que seria negado na tarde de sexta-feira.

Só depois disso Lula decidiu sair da sala para cumprimentar os militantes que estavam no segundo andar. Mas não sem antes um dos sindicalistas anunciar que ninguém poderia filmá-lo — o que não foi obedecido.

Durante menos de dez minutos, o petista distribuiu abraços por cima do cercadinho. Com o casaco que ganhou do presidente boliviano, Evo Morales, posou e sorriu para fotos. Visivelmente cansado e abatido, consolou uma jovem que chorava.

Questionado pela Folha se iria para Curitiba, se manteve em silêncio. Logo depois, retornou à sala.

ESPERA

Por volta das 2h, as pessoas começaram a ser retiradas do segundo andar e conduzidas ao andar de cima com a promessa de que Lula falaria. Lá, outro grupo já aguardava.

A espera durou mais de 40 minutos até que os militantes percebessem que o ex-presidente não vinha. “Archo que ele deu um golpe na gente”, disse uma apoiadora, rindo.

O petista já tinha ido dormir, numa sala anexa à da Presidência, com uma cama improvisada — a mesma usada na noite de sexta.

Muitos militantes seguiram o exemplo e arranjaram um canto para dormir, em cadeiras ou no chão. Outros decidiram ir para casa. Uma parte manteve o clima de

contratemperização, que, no seu auge, se expressou em uma roda de samba no terraço anexo à lanchonete, onde havia cerveja, cachaça e linguíça calabresa com pão para comprar.

A Folha, no dia seguinte, Lula disse ter acordado disposto — apesar de dormir quatro horas — e ter feito seus exercícios matinais. E anunciou que não se entregaria em Curitiba.

Mas seguiu o suspense se o ex-presidente se apresentaria em São Paulo às 17h. Durante todo o dia, permaneceu também a expectativa se Lula discursaria — o que vinha sendo desencorajado por sua defesa.

As informações seguiam desencontradas mesmo entre os seus aliados mais próximos, cujas versões só convergiam ao dizer que Lula estava sereno e racional.

Enquanto isso, uma missão formada pelo deputado Wadhi Damous (PT), o ex-ministro da Justiça José Eduardo Cardozo, o advogado Sigmaringa Seixas e o tesoureiro do PT, Emídio de Souza, negociava com interlocutores da PF uma “alternativa digna” para a entrega de Lula.

Aquela altura, o ex-presidente ainda queria a imagem da detenção em meio ao povo, mas sabia dos riscos de violência. A polícia também não aceitava buscá-lo no sindicato.

As soluções veio com a ideia da missa em homenagem a Marisa, morta em 2017. O pedido inicial foi para que a rendição fosse na segunda, mas o acordo acabou sendo de que o petista se entregaria após a cerimônia de sábado.

Mais de 24 horas depois do estipulado, Lula embarcou em Congonhas com destino a Curitiba. (ISABEL FLECK, MARINA DE-ASSIS, GÉSSICA BRANQUINI, CÁTIA SEABRA, ANNA VIRGINIA BALLOUSHER, MARCO CESAR CARVALHO, RODRIGO BORGES DEL-FINO, JOSÉ MARQUES, RICARDO BALTHAZAR, DANIEL CAMARGOS)

Fonte: Fleck *et. al.* (2018, p. A12).

Em outros trechos da matéria, o termo “petista” adquire uma posição mais neutra: “Enquanto ele não vinha, o clima era de descontração e de tietagem aos políticos que prestavam apoio ao petista”, no vigésimo parágrafo; “Petistas como o senador Lindbergh Farias (RJ) e o deputado Paulo Pimenta (RS), também circulavam entre os militantes”, no vigésimo segundo parágrafo; “Durante menos de dez minutos, o petista distribuiu abraços por cima do cercadinho”, no trigésimo parágrafo, e “O petista já tinha ido dormir, numa sala anexa à da Presidência, com uma

cama improvisada – a mesma usada na noite de sexta”, no trigésimo quarto parágrafo.

No décimo terceiro parágrafo, replica-se a ideia da ligação do PT com a prisão, à qual se agrega a ideia de uma jogada de *marketing* do Partido: “Com o prazo de Moro para que o petista se entregasse até as 17h do dia seguinte, era preciso começar a mobilização logo, sob o risco de que suas últimas horas em liberdade não se tornassem um episódio épico”. No sétimo parágrafo, essa ideia reaparece: “A imagem não era exatamente a que a liderança petista desejava desde o início – sua ideia era de que a própria polícia buscasse Lula em meio ao povo –, mas pareceu funcionar”.

A decisão de Lula de se entregar após a missa para sua falecida esposa, Marisa, é mencionada como outra jogada de *marketing*: “a celebração seria a oportunidade de atingir o tom emocional pretendido”. A missa seria uma estratégia para adiar a prisão por algum tempo, como podemos perceber no terceiro parágrafo: “a efeméride do aniversário de Marisa, que completaria 68 anos no sábado, se mostrou a melhor opção para adiar a prisão em mais algumas horas”.

Ivana Bentes (2018, p. 1), ao contrário desta posição, acredita que Lula não está “buscando vender” o momento de sua prisão, mas considera ser tão intenso este momento que acabou atingindo diretamente o emocional do público. Ela afirma que nenhuma representação que a mídia pudesse fazer do ex-presidente seria capaz de diminuir essa imagem.

Lula entendeu tudo! Não está “capitalizando” uma prisão, está narrando sua vida. Seu personagem público e privado é um só. Choram os jornalistas diante da força das imagens, choram os marqueteiros diante do fato-Lula – pois teriam que inventar, simular gente, perfis, personagens com esse carisma, afeto e dimensão! Num mundo sem mística e desencantado, Lula é um real acontecimento que foge da racionalidade marqueteira e das linhas retas. Uma ideia e um conceito difíceis de “aprisionar”.
Diante dessas imagens épicas e comoventes, buscam a foto/imagem de Lula preso como um troféu, mas qualquer imagem depois disso será pequena (BENTES, 2018, p. 1).

Esta matéria também se enquadra na categoria *atos de Lula* e, de acordo com as análises feitas, o seu tom é negativo.

Na matéria de Catia Seabra, da Sucursal de São Paulo, “Petista afirma que Moro tem mente doentia”, publicada no dia 9 de abril de 2018, vemos, mais uma vez, essa oposição entre Lula/PT e Sérgio Moro. A matéria fala sobre um vídeo postado na conta oficial do *Facebook* de Lula, no qual ele afirma que o sonho de consumo de Moro é prendê-lo.

Figura 14 – Lula x Moro



Fonte: Seabra (2018, p. A12).

Neste trecho “A página oficial do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva publicou no Facebook, na manhã deste domingo (8), um vídeo em que o petista afirma que o juiz federal Sergio Moro tem uma mente doentia” contrasta-se a utilização do termo “petista”, símbolo de corrupção, com a figura de Moro, símbolo de justiça. Esta matéria se enquadra na categoria *discursos de Lula* (uma das poucas desse tipo em 2018) e se trata de uma matéria neutra, por mais que o trecho analisado utilize de diferenciação entre Lula e Moro.

Das matérias selecionadas do período de abril de 2018, três de quatro possuem conotação negativa e o uso do termo “petista” reforça tal negatividade.

As matérias analisadas dos dois períodos selecionados permitem inferir que o termo “petista”, após assumir um significado negativo, atrelando-se à corrupção, passou a ser muito mais utilizado pelo Jornal, de forma a desacreditar Lula e o PT. O termo “petista”, em 2018, é muito mais

utilizado para destacar aspectos negativos. Nas primeiras 44 matérias de abril (que enquadram o período até um dia depois de sua prisão), apenas 14 não utilizam a palavra “petista” em nenhum momento. Por outro lado, nas outras 46, 26 delas não utilizam o termo.

Constata-se que o termo “petista” é empregado ao lado de palavras como “prisão”, “condenado”, trazendo um outro significado para este contexto: o petista como criminoso. Este recurso é bastante utilizado nas matérias de 2018. Enquanto em 2010 Lula é visto como uma figura pacífica, a visão radical do PT que existia nos anos 1990 volta à tona em 2018. Agora, o Partido é visto ao lado dos movimentos sociais, que prometem se rebelar contra a prisão de Lula. O radicalismo reaparece e o PT se mostra como seu propagador mais uma vez.

2.3.2 A passividade de Lula

Outro aspecto notado na análise quantitativa foi a passividade de Lula, que passa de um líder político ativo, tomador de decisões para alguém que apenas sofre as consequências de um processo externo.

Gregolin (2007, p. 23) dá algumas pistas sobre a origem deste apassivamento:

Esse rápido passeio por algumas propagandas e alguns textos da Folha parece suficiente para apontar a importância da análise do discurso para a compreensão de sentidos produzidos em textos da mídia [e] perceber sua função na produção social das lutas pelas construções/reconstruções das identidades. Se a identidade é produzida, do exterior, por um trabalho discursivo contínuo, como se dá a relação do sujeito com essa intensa e infinda rede de discursos midiáticos? Será a identidade uma imposição “de fora”, que pressupõe a passividade de um sujeito-receptáculo formatado por moldes produzidos em outros lugares? Seria redutor entender que há apenas passividade diante do agenciamento coletivo da subjetividade; pelo contrário, há pontos de fuga, de resistência, de singularização. Não há, nos discursos da mídia, apenas reprodução de modelos – ela também os reconstrói, reformata, propõe novas identidades.

É no âmbito desta dialética de re/construção de identidade que Lula foi, muitas vezes, silenciado (simbólica e literalmente) e impedido de falar, como na proibição de dar entrevistas a qualquer veículo de comunicação após sua prisão.

Sem condições de se posicionar e se fazer ouvir pelo seu público, nota-se o silenciamento. Trata-se este silenciamento de elemento constituinte da análise do discurso e sobre o qual Denise

Machado (2014, p. 10) reflete:

A presença significativa do silêncio remete por vezes a uma política do silenciamento, mas que também é fundante de sentidos não ditos pelo entrevistado. Os silêncios significam por si só, tornando clara a incompletude da linguagem, com suas falhas e faltas, fazendo com que os silenciamentos mobilizem a memória não oficial, suscitando curiosidade para que um não-dito venha à tona no discurso. Estes silenciamentos de diferentes ordens estão no plano do “poder dizer”, ou seja, estando no recorte entre o dito e o não-dito, eles estão postos na relação de dizer algo para silenciar (calar) outras possibilidades discursivas e até mesmo interditar dizeres através de uma censura velada. Na relação de tensão não linear discursiva, não apreendemos limites entre as diferentes formas de silenciar, assim como entendemos que não há silêncio que não estabeleça relação com a ideologia e com as condições de produção discursiva.

A diferença entre os dois papéis de Lula (líder político e preso condenado) é gritante. Em 2010, é sujeito passivo em apenas 32,83% das matérias; em 2018, o número sobe para 82,02%. Para além da obviedade de Lula ser presidente à época, uma análise das matérias da *Folha*, nos dois períodos selecionados, permite uma melhor compreensão do porquê esse número ter subido tanto.

Conforme descrito no referencial metodológico, foram selecionadas três matérias de 2010 e cinco matérias de abril de 2018. A seleção dessas matérias se deu em função do posicionamento passivo de Lula que estas reproduzem. As matérias foram associadas a uma ou mais das dez categorias que criamos na análise quantitativa. Posteriormente, procuramos entender quem falava no lugar de Lula ou sobre ele em cada uma delas e o que expressava.

Uma matéria, na qual Lula assume um papel passivo, é a de Flávia Foreque, “De saída do Senado, Tasso diz que Lula decepcionou país”, que se enquadra na categoria *discurso de outros* e foi publicada no dia 9 de dezembro de 2010.

Nessa matéria, retratada na Figura 15, Lula é visto como sujeito passivo e sem direito de resposta às críticas recebidas. É o senador Tasso Jereissati, um adversário político, que avalia o governo Lula, dizendo ser uma decepção para o país. Já nessa matéria encontramos o termo “petista”, referindo-se a Eduardo Suplicy, no quinto parágrafo. Apesar de ser uma crítica a Lula, a matéria traz, muitas vezes, elementos que desqualificam Tasso.

Percebemos que nesta matéria quem fala sobre Lula é um político do PSDB, adversário do partido de Lula. Ele fala sobre as falhas do governo de Lula e cita o mensalão, para conectar a corrupção ao ex-presidente e ao PT.

Figura 15 - Lula decepçiona



Fonte: Foreque (2010, p. A9).

Na matéria de Ricardo Mito e Sabine Righetti, do mesmo dia 9 de dezembro, intitulada "Lula 'cacarejou' sobre clima, dizem EUA", há um olhar externo sobre a política ambiental do governo Lula. O ex-presidente é alvo de críticas por parte da diplomacia americana que afirma que Lula teria assumido, na Conferência de Copenhague, uma imagem de "herói" e "cavaleiro branco", incompatível com sua verdadeira atuação.

A matéria se enquadra na categoria *discursos de outros*. Os autores destacam os conflitos internos entre os Ministérios do Meio Ambiente e o Itamaraty do governo Lula, enfatizando fragilidades deste governo.

Figura 16 – "Herói" de Copenhague

Lula 'cacarejou' sobre clima, dizem EUA

Papéis da diplomacia americana afirmam que Brasil exagerou ao posar como 'herói' na cúpula de Copenhague

Telegramas desde 2008 obtidos pelo WikiLeaks mostram que EUA viam Minc como aliado para fechar acordo climático

RICARDO MIOTO SABINE RIGHETTI DE SÃO PAULO

Novos documentos do site WikiLeaks, obtidos pela **Folha**, mostram críticas dos diplomatas americanos à atitude brasileira nas negociações internacionais do clima.

Os telegramas foram escritos entre 2008 e 2010. Em um deles, o suposto protagonismo brasileiro na cúpula do clima de Copenhague, no final de 2009, é ironizado.

Segundo a diplomata Lisa Kubiske, "Lula cacarejou" suas conquistas ambientais e sua capacidade de costurar um acordo. Para os EUA, o Brasil teria assumido uma imagem exagerada de "herói" e "cavaleiro branco".

Os documentos mostram a estratégia dos EUA para atrair o apoio brasileiro para suas propostas. O país pretendia enfraquecer o Itamaraty em favor do MMA (Ministério do Meio Ambiente).

Isso porque se, por um lado, os diplomatas brasileiros eram contra a ideia de que países em desenvolvimento assumissem metas de redução de emissões de CO₂, o MMA defendia que todas as nações dividissem a responsabilidade pelos cortes, ainda que levando em conta as limitações dos mais pobres.

Segundo os papéis, o embaixador do Brasil para o clima, Sérgio Serra, teria dito que "quem lidera as negociações é o Itamaraty, e Carlos Minc [então ministro do Meio Ambiente] fala apenas sobre as suas opiniões pessoais".

'PRAGMÁTICO'

Minc, que sucedeu Marina Silva (descrita como "inflexível e absolutista nas questões ambientais"), era visto como pragmático e parceiro-chave dos EUA para defender que países como China e Índia deveriam ter metas.

O embaixador Clifford Sobel fazia, porém, uma crítica a Minc: "Ele tem tendência a dizer o que gostaria que fosse verdade, e não o que de fato ocorreu". Minc teria garantido a Sobel, no começo de 2009, que a posição do Itamaraty não prevaleceria.

Ainda assim, dizia Sobel: "O MMA está muito mais preocupado em resolver a questão. O Itamaraty a vê no contexto maior da política externa e está disposto a fazer menos sacrifícios".

Carlos Minc disse à **Folha** que de fato havia uma divisão nítida entre seu ministério e o Itamaraty. "O conservadorismo do Itamaraty se alinhava às posições mundialmente mais atrasadas: como quem historicamente poluiu foram os ricos, eles que façam alguma coisa."

Ele diz que os diplomatas queriam afastá-lo da discussão. "Mas revertamos isso."

Ele convenceu Lula e a então ministra Dilma Rousseff e, em novembro de 2009, o Brasil anunciou metas de emissão de CO₂ e incentivou outros países em desenvolvimento a fazerem o mesmo.

Sobel apostava, em abril daquele ano, que o fato de Dilma "aparentar ser amiga e aliada política de Minc" poderia fazer com que ele influenciasse a posição brasileira — os dois atuaram na luta armada contra a ditadura.

Minc não gostou de ser apontado como o homem de confiança dos EUA. "Não tenho nenhuma identidade com os EUA. Tenho posições duríssimas com relação a eles. Defendi posição histórica dos ambientalistas."

Mais informações sobre os papéis podem ser encontradas no site wikileaks.ch.

» **LEIA MAIS em Mundo e em Esporte**

CLIMA DE VAZAMENTO
O que os diplomatas dos EUA disseram sobre o Brasil e a questão climática

O QUE OS PAPÉIS JÁ REVELARAM

F-18
Comandante da FAB aparece em despacho secreto de jul.2009 afirmando dar preferência aos F-18, aviões caça dos EUA

Hizbollah
Consulado em SP emitiu despacho, em nov.2009, sobre preocupação com a possibilidade de libaneses no Brasil serem ligados ao Hizbollah

Guantánamo
Telegramas desde 2005 dizem que Brasil se recusou a receber presos

Terrorismo
Embaixador comunicou, em jan.2008, que PF "frequentemente prende terroristas" mas os acusa de outros crimes

Itamaraty
Texto de jan.2008 faz referência ao ministério como adversário com "inclinação antinorte-americana"

PRESIDENTE LULA
"Lula cacarejou que o Brasil teve a melhor imagem na COP-15 devido à sua proposta ambiciosa. Lula pintou o Brasil como um cavaleiro de vestes brancas"

CARLOS MINC
(ex-ministro do Meio Ambiente)
"O ministro Minc tem uma tendência a dizer o que ele gostaria que fosse verdade, e não o que realmente ocorreu"

GOVERNO Bloqueio
"O governo brasileiro transformou em arte a sua capacidade de bloquear negociações internacionais"

Interesse
"Quais são os interesses primários do Brasil? Crescer, crescer, crescer. O governo não considera a mudança climática uma ameaça imediata"

MARINA SILVA
(ex-ministra do Meio Ambiente)
"Marina Silva [é] considerada inflexível e absolutista em questões ambientais cruciais"

FOLHA.com
Leia a íntegra dos documentos já revelados em folha.com/wikileaks

Fonte: Mioto, Righetti (2010, p. A12).

A matéria de Ricardo Balthazar, do dia 20 de dezembro de 2010, "Dirceu duvidou da recuperação de Lula após mensalão", também delega a Lula um papel secundário, passivo. Balthazar (2010) discorre sobre telefonemas vazados de José Dirceu, que teria afirmado que Lula poderia não ter se candidatado para o segundo mandato.

Mais uma vez, Lula é apenas um alvo de críticas. Desta feita, quem fala sobre Lula é seu ex-ministro-chefe da Casa Civil, um dos líderes da criação do PT e que foi acusado de liderar a quadrilha do mensalão, tendo sido condenado pelo STF em 2012. Na conversa com um amigo americano, José Dirceu deixou claro que acreditou ser o escândalo do mensalão o fim da carreira política de Lula, assim como encerrou com a sua trajetória política.

Figura 17 - Dirceu fala sobre Lula

Dirceu duvidou de recuperação de Lula após mensalão

Despachos dos EUA mostram que ex-ministro questionou reeleição do presidente, que poderia desistir de candidatura

Ex-titular da Casa Civil responsabilizou Lula por não ter ajudado a organizar finanças do PT, relatou diplomata

RICARDO BALTHAZAR
DE SÃO PAULO

O ex-ministro da Casa Civil José Dirceu deixou o governo em 2005 duvidando da capacidade que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva teria para se recuperar dos estragos que o escândalo do mensalão causou à sua imagem.

Dois meses depois do seu afastamento, Dirceu disse a um amigo americano que Lula dificilmente seria reeleito nas eleições de 2006 e afirmou que ele poderia desistir de concorrer a um novo mandato se ficasse "deprimido".

De acordo com um despacho diplomático americano obtido pela organização WikiLeaks, Dirceu considerava mais provável uma vitória da oposição em 2006 e previu que o candidato do PSDB à Presidência seria o então prefeito de São Paulo, José Serra.

Nenhuma das previsões de Dirceu se confirmou. O presidente Lula foi reeleito em 2006, derrotando o tucano Geraldo Alckmin.

Serra, que Lula vencera em 2002, só voltou a disputar a Presidência neste ano, quando foi batido pela candidata Dilma Rousseff.

O despacho com as opiniões de Dirceu é um dos milhares de telegramas da diplomacia americana obtidos pelo WikiLeaks. A **Folha** e outros seis jornais têm acesso ao material antes da sua divulgação no site da organização (www.wikileaks.ch).

O pacote de documentos inclui relatos de duas conversas que Dirceu teve fora do governo com um assessor especial do Departamento de Estado dos EUA, William Perry, um especialista em assuntos latino-americanos que viveu no Brasil e conhece Dirceu há quase dez anos.

'BIRUTA E IMPRÓPRIO'

O informe de agosto diz que Dirceu procurou se distanciar dos dirigentes que assumiram o comando do PT após as eleições de 2002 e classificou como "biruta e impróprio" o esquema montado para pagar dívidas da campanha de Lula e financiar os aliados do governo.

Segundo Perry, Dirceu res-

ponsabilizou o próprio Lula pelas dificuldades enfrentadas pelos petistas, criticando-o por não ter ajudado a organizar um sistema que desse ao PT "fontes de recursos empresariais legítimas".

Perry voltou a encontrar Dirceu em outubro de 2005, quando faltava pouco mais de um mês para que ele tivesse seu mandato de deputado federal cassado pela Câmara.

No meio da conversa, o americano pediu a Dirceu sua opinião sobre a necessidade de uma reforma política no país. O ex-ministro não lhe pareceu muito interessado em debater o assunto, mas criticou o modelo de financiamento dos partidos.

"Dirceu admitiu que habitualmente gastou o dobro do que declarou em suas campanhas e que todos os políticos brasileiros empregam algum tipo de caixa dois", afirma o relato do encontro.

Segundo Perry, Dirceu acusou adversários de hipocrisia e disse que irregularidades eram inevitáveis num país em que "políticos não gostam de ser vistos pegando dinheiro e doadores não gostam de ser vistos doando".

Colaborou FERNANDO RODRIGUES, de Brasília

Fonte: Balthazar (2010, p. A6).

Os pontos comuns entre as matérias de 2010 são: o caráter crítico de todas elas e a ausência de resposta de Lula às críticas recebidas. Destaca-se o fato de todas falarem sobre ele e não por ele, característica que se destaca nas matérias do segundo período selecionado.

Nas matérias de 2018, a passividade toma outro caráter: não apenas nas matérias em que outros sujeitos falam sobre ele, Lula adquire um papel passivo, mas isso ocorre na maior parte do tempo.

A matéria de Gustavo Uribe e Ana Luiza Albuquerque, do dia 17 de abril de 2018, é uma das quais outros falam sobre Lula, neste caso, José Dirceu, já citado na matéria de 2010 retratada na Figura 17, que pede para militantes defenderem o ex-presidente.

Figura 18 – Dirceu pede defesa para Lula

Dirceu critica Lava Jato e pede que militantes defendam ex-presidente

Ex-ministro, que pode voltar a ser preso, fez rara aparição no DF

DE BRASÍLIA
DE CURITIBA

Em uma rara aparição pública, feita em um salão apertado da capital federal, o ex-ministro da Casa Civil José Dirceu defendeu na noite desta segunda-feira (16) que a militância petista seja implacável, não deixando o governo federal funcionar.

Num discurso a cerca de cem militantes, em um cenário modesto comparado ao da época que era homem forte do Palácio do Planalto, ele pregou que todo lugar deve ser uma trincheira e que o papel principal do partido neste momento é de libertar o ex-presidente Lula e reelegê-lo.

"Temos de lutar, levantar a cabeça, enfrentá-los. Eles têm de ter certeza de que vamos ressurgir das cinzas. Nós temos de aprender a lutar em todas as frentes e temos de ser implacáveis com eles. Eles não nos deixaram governar. E por que vamos deixar eles governarem?", questionou.

Condenado pela Operação Lava Jato, o petista participou de plenária no Sindicato dos Servidores Públicos do Distrito Federal. Ele disse que o momento não é mais de resistir e criticou o juiz federal Sergio Moro.

Na opinião dele, o magistrado é um instrumento de um "aparato de perseguição política" no país.

Em uma espécie de auto-crítica, reconheceu que o seu partido falhou, que cometeu erros e que, agora, é o momento de formar uma frente de luta e "ir ao encontro do povo". "Temos uma contradição. Nós ganhamos as eleições, mas não temos base popular para defender o governo", disse.

Com o risco de ser novamente preso, o petista disse que hoje está preocupado com a situação do ex-presidente, não com a dele, e que pretende em junho lançar seu livro de memórias.

Em maio do ano passado, Dirceu conseguiu o direito de aguardar um recurso em liberdade. Em 2016, ele foi condenado pelos crimes de lavagem de dinheiro, corrupção passiva e organização criminosa. A pena dele chega a 30 anos e 9 meses de prisão.

Antes da chegada de Dirceu à plenária, uma das organizadoras pediu à militância que não fizesse transmissões ao vivo do encontro, a pedido de Dirceu.

Nos discursos, ele foi chamado de "comandante", "líder" e "amigo".

CARTA DE LULA

O ex-presidente Lula mandou um recado para a militância acampada perto da PF em Curitiba em defesa dele. "Continuo acreditando na justiça e por isso estou tranquilo, mas indignado como todo inocente fica indignado quando é injustiçado", escreveu.

Lula disse na carta que ouve o que os manifestantes cantam e que está agradecido pela presença e resistência de todos. afirmou também que continua desafiando Polícia Federal, Ministério Público, o juiz Sergio Moro e a segunda instância a provarem o crime que supostamente cometeu.

A mensagem foi lida pela presidente do PT, a senadora Gleisi Hoffmann (PR). Ela disse que tem conversado com Lula por meio de seus advogados. Segundo ela, o ex-presidente pediu que o recado fosse lido aos manifestantes do acampamento montado perto da sede da PF.

O PT e a CUT assinaram acordo com a Secretaria Estadual de Segurança do Paraná transferindo o acampamento em direção ao parque Atuba, a cerca de 3 km da superintendência da PF.

O senador Lindbergh Farias (PT-RJ) disse, no entanto, que atos continuarão a acontecer perto da sede da polícia. (GUSTAVO URIBE E ANA LUIZA ALBUQUERQUE)



João Pedro Stédile, do MST, e José Dirceu, em Brasília

Fonte: Albuquerque, Uribe (2018, p. A6).

Algo a destacar nesta matéria é que, neste momento, Dirceu já cumpriu sua pena, mas pode voltar a ser preso no âmbito da Operação Lava Jato. Essa informação já aparece no *lead* e é reforçada no oitavo parágrafo, onde o tema muda da fala do ex-ministro sobre Lula para os crimes

dos quais ele está sendo acusado: “Em maio do ano passado, Dirceu conseguiu o direito de aguardar um recurso em liberdade. Em 2016, ele foi condenado pelos crimes de lavagem de dinheiro, corrupção passiva e organização criminosa. A pena dele chega a 30 anos e 9 meses de prisão”. É interessante perceber que o termo “petista” é utilizado duas vezes para se referir a Dirceu.

Acontece algo semelhante na matéria “'Não faz bem para o país Lula preso', diz Marcos Valério, operador do mensalão”, do dia 23 de abril de 2018, escrita por Eliane Trindade e Marlene Bergamo. A *Folha*, ao publicar opiniões favoráveis a Lula de pessoas acusadas de corrupção, sinaliza a ligação do ex-presidente com condenados, reassociando-o à corrupção.

Outro tema que chama atenção para a passividade de Lula é o das eleições 2018. Em muitas matérias, Lula já é apontado como alguém que não poderá participar das eleições (apesar do PT ratificar sua candidatura mesmo após sua prisão) de modo que outros cenários deveriam ser analisados primeiro.

O texto de Mauro Paulino e Alessandro Janoni, “Lula deixa herdeiros, mas centro tem potencial” (Figura 19), publicado no dia 6 de abril de 2018, é um exemplo disto. Os mesmos autores continuam a desenvolver esta linha de raciocínio em “Desafio será atrair a parcela alinhada ao lulismo”, análise publicada no dia 18 de abril de 2018 (Figura 20). Os dois textos se enquadram na categoria *eleições* e não podem ser considerados matérias, já que tem cunho mais analítico e opinativo. Apesar de não serem considerados matérias, incluímos ambos neste trabalho por serem exemplares da abordagem que pretendemos assumir neste ponto.

Na Figura 19, fala-se sobre os possíveis cenários eleitorais. Apresentam-se os outros planos do PT, caso Lula não possa se candidatar, e as preferências eleitorais da população. O texto, ao final, deixa claro que as pesquisas devem ter leitura cautelosa, pelo fato de se tratar de uma situação inédita na história do país o lançamento de um candidato à Presidência preso. Entretanto, não se percebe muita cautela dos autores na escolha do título da análise, que já antecipa estar Lula fora das eleições, apesar de sua candidatura ter sido registrada pelo PT quatro meses depois.

Figura 19 - Herdeiros de Lula



Fonte: Paulino, Janoni (2018, p. A9).

Na Figura 20, o texto desconsidera o fato de que, caso Lula não pudesse se candidatar, o PT lançaria outro candidato e seus eleitores não precisariam votar em outro partido ou procurar outros candidatos para votar. Como podemos aferir na Figura, o título da análise já coloca Lula como uma figura fora das eleições, o que deveria levar os outros candidatos a se esforçarem para conseguir aqueles votos que seriam dele. Apesar de o quarto parágrafo apresentar um cenário eleitoral no qual Lula participaria, o que se destaca do texto é a exclusão do ex-presidente Lula.

Embora ambas as análises deixem claro que a situação ainda não foi definida, suas escolhas editoriais colocam Lula fora da disputa eleitoral, ainda que de maneira sutil: a escolha da palavra “herdeiros” na Figura 19 e o título da Figura 20, que já comenta a disputa pelos votos que seriam de Lula.

Figura 20 - Lula fora das eleições

ANÁLISE DATAFOLHA

Desafio será atrair parcela alinhada ao lulismo

Barbosa tem apoio de mais escolarizados, Bolsonaro vai bem entre os de instrução média e Alckmin tem reduto no Sudeste

MAURO PAULINO
DIRETOR-GERAL DO DATAFOLHA

ALESSANDRO JANONI
DIRETOR DE PESQUISAS DO DATAFOLHA

A indefinição no cenário deste ano para a eleição de presidente da República justifica fazer testes com diferentes combinações de candidaturas.

Na última pesquisa nacional do Datafolha, por exemplo, foram estimuladas nove situações diferentes com até 16 nomes, cada.

Para o segundo turno, foram 12 simulações. Se por um lado, a disponibilidade dos dados garante um leque considerável de informações, por outro dificulta a análise dos resultados.

Mesmo com a perspectiva de inelegibilidade, a liderança com folga do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) é nitida quando seu nome é incluído.

Da mesma forma, fica claro que sua ausência na disputa produz como principal herdeira sua ex-ministra Marina Silva (Rede), que empata com o deputado federal Jair Bolsonaro (PSL) na liderança, apesar de ambos serem batidos pelos votos brancos e nulos.

Mas dúvidas ficam no ar sobre o alcance real não só dos líderes como também sobre os candidatos que compõem o segundo pelotão.

Ciro Gomes (PDT), Joaquim Barbosa (PSB) e Geraldo Alckmin (PSDB) alcançam patamar próximo de 10%.

Marina e Ciro de um lado, Barbosa e Alckmin do outro, dividem de fato segmentos correlatos do eleitorado?

E Jair Bolsonaro, estacionado próximo aos 20% chegou no seu teto de intenção de voto?

Para revelar nichos e calcular o potencial imediato de cada candidato, o Datafolha aplicou uma análise conjunta nas nove situações da última pesquisa.

Sem considerar Lula, que está presente em apenas três situações e chega a ser citado por 36% dos brasileiros, Marina é a candidata com maior alcance — é apontada por 26% dos eleitores em pelo menos uma das nove simulações.

Na combinação dos cenários, Bolsonaro chega a ser mencionado, pelo menos uma vez, por 22% dos entrevistados. Joaquim Barbosa por 17%, Ciro por 16% e Alckmin por 14%.

ESPÓLIO LULISTA

Essa divisão lança luz sobre a partilha do eleitorado lulista — Marina se destaca no segmento feminino e jovem, de até 24 anos, com escolaridade até o ensino médio e renda baixa (chega a ser citada por 54% do segmento).

Ciro Gomes, que também herda parte do eleitorado do ex-presidente, atrai mais homens com o nível fundamental de escolaridade.

No Nordeste, porém, é mais citado pelos que têm nível superior. Em comum, ambos os ex-ministros são pouco lembrados pelo estrato masculino da Região Sul.

Joaquim Barbosa e Geraldo Alckmin alcançam subconjuntos distintos.

A intenção de voto no ex-presidente do STF tem maior correlação com a combinação de escolaridade superior e idade entre 25 e 60 anos, onde chega a 26%.

As menções ao ex-governador de São Paulo, no entanto, são bastante localizadas no Sudeste, principalmente entre os menos escolarizados onde o tucano totaliza também 26%.

O apoio a Jair Bolsonaro na combinação dos nove cenários é expressivo entre os homens de nível médio de escolaridade e renda superior a cinco salários mínimos, onde vai a 47%.

Tanto o candidato do PSL quanto o ex-governador tucano têm a mesma rejeição entre os mais escolarizados (45%).

Maior inclusive do que a observada no mesmo segmento quanto a Ciro Gomes (26%), Marina Silva (23%) e Joaquim Barbosa (7%).

Com isso, fica claro que o grande desafio da eleição será atrair segmentos mais populares, de renda e escolaridade mais baixas, de grande peso quantitativo no eleitorado, identificados com as políticas de inclusão do lulismo e especialmente as mulheres, determinantes hoje para o potencial de crescimento de Marina Silva.

Fonte: Paulino, Janoni (2018, p. A9).

Com relação à sua prisão, o ex-presidente manteve-se, em vários momentos, silencioso. Falava apenas com dirigentes de seu partido e a militância e recusava entrevistas na mídia. Durante o processo que desembocou em sua prisão, outros atores foram colocados em evidência enquanto Lula apenas refletia sobre o que fazer.

Na matéria “Moro manda Lula se entregar, mas PT defende resistência”, da Sucursal de São Paulo, retratada na Figura 21 e publicada no dia 6 de abril de 2018, Lula é uma figura completamente passiva. Excluindo a “Cronologia”, em nenhuma parte do texto o ex-presidente é definido como um agente. Ele apenas sofre e recebe as ações de outros – Moro manda prendê-lo, advogados procuram recursos a favor dele, o PT defende que ele resista –, o que o coloca em segundo plano em um assunto em que deveria ser o protagonista.

Percebe-se que quem fala sobre ele é o juiz Sérgio Moro, principal imagem da Operação Lava Jato, que ordena ele se entregue. Por outro lado, o PT assume o papel de fala no lugar de Lula, como podemos perceber no sétimo parágrafo:

Petistas defendiam que ele permanecesse em vigília na sede do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, em São Bernardo, onde surgiu para a vida pública nos anos 1970, e lá aguardasse a PF vir prendê-lo. Seria uma imagem política forte, importante para a sobrevivência política do partido e de seu líder, afirmaram petistas. Advogados, no entanto, tentavam convencê-lo a se entregar (FOLHA, 2018f, p. A4).

Entretanto, nota-se, pela matéria, que Lula não permite que ninguém tome decisões por ele, apenas evita se pronunciar e deixa que os dirigentes de seu partido digam o que pensam ser o melhor neste caso. Nesta matéria, também encontramos a ideia de uma estratégia de *marketing*

usada pelo PT, assim como outros textos que observamos no tópico anterior.

Figura 21 - “Moro manda Lula se entregar, mas PT defende resistência”

★ JUIZ DÁ ORDEM APÓS HABEAS CORPUS TER SIDO NEGADO, MAS PROÍBE ALGEMAS ★ DEFESA AFIRMA QUE DECISÃO É ARBITRÁRIA

DE SÃO PAULO

Luiz Inácio Lula da Silva (PT) tem de se entregar à Polícia Federal de Curitiba até as 17h desta sexta-feira (6), o que o fará ser o primeiro ex-presidente da história do Brasil a ser preso por condenação criminal.

A ordem foi dada nessa quinta (5) pelo juiz federal Sérgio Moro, titular da Lava Jato, após receber comunicado do Tribunal Regional Federal da 4ª Região (TRF-4) de que foram rejeitados os recursos do petista no processo em que ele foi sentenciado a 12 anos 1 mês de prisão no caso do triplex de Guarujá (SP).

No fim da noite, seus advogados entraram com novo pedido de habeas corpus no Superior Tribunal de Justiça para tentar impedir a prisão.

A rapidez da ordem expedida por Moro, apenas 17 horas após a decisão do Supremo Tribunal Federal que negou pedido de habeas corpus do ex-presidente, surpreendeu o PT.

José Roberto Batocchio, advogado de Lula, chamou de “arbitrária” a decisão.

CRONOLOGIA
As últimas horas do petista em liberdade

0h46 Cármen Lúcia declara encerrada sessão do Supremo que negou habeas corpus para evitar prisão de Lula

11h30 Lula se reúne com aliados como Dilma, Haddad, José Genoíno e Celso Amorim no Instituto Lula

17h PT convoca ato para dia seguinte; advogado diz não esperar prisão imediata

17h31 Tribunal Regional Federal da 4ª Região autoriza prisão

17h53 Em tempo recorde na Lava Jato desde prisão em 1ª instância, Moro expede mandado de prisão de Lula

18h30 Lula deixa Instituto em direção ao Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, em São Bernardo

Até a conclusão dessa edição, não estava claro se Lula cumpriria a ordem de Moro de se apresentar.

Petistas defendiam que ele permanecesse em vigília na sede do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, em São Bernardo, onde surgiu para a vida pública nos anos 1970, e lá aguardasse a PF vir prendê-lo. Seria uma imagem política forte, importante para a sobrevivência política do partido e de seu líder, afirmaram petistas. Advogados, no entanto, tentavam convencê-lo a se entregar.

No despacho de prisão, Moro fez algumas concessões a Lula “em razão da dignidade do cargo ocupado” por ele: além de poder se entregar, não será algemado e ficará preso em sala reservada, separado de outros presos.

Deve ser a segunda prisão de Lula. Em 1980, ficou 31 dias na cadeia por decisão da ditadura. Antes, os ex-presidentes Hermes da Fonseca (em 1922), Washington Luiz (1930) Artur Bernardes (1932 e 1939) e Juscelino Kubitschek (1968) foram presos, mas em processos de cunho político.

PRISÃO DE LULA Veja as condições de encarceramento do ex-presidente

1	2	3	4	5
Com dimensões de 3 m x 5 m, cárcere exclusivo de Lula na PT de Curitiba terá cama, mesa e banheiro	Local será vigiado 24h por dia, em revezamento entre servidores da Polícia Federal	A princípio, regras serão padrão: visitas às quartas-feiras e duas horas de banho de sol por dia, em horários diferentes dos demais	Deve se entregar até 17h de sexta-feira (6) em Curitiba	Foi vedado uso de algemas em qualquer hipótese

Fonte: Folha (2018f, p. A4).

Na Figura 22, em que se retrata matéria de Ana Luiza Albuquerque, também do dia 6 de abril, Lula emerge como personagem secundário de sua própria prisão. A matéria fala sobre o processo judicial e as decisões tomadas pelos juízes, principalmente por Moro. Ela também aborda a militância que apoia Lula e o papel de outras lideranças do PT. O único momento em que o ex-presidente aparece com um papel ativo é no quarto parágrafo, no qual o texto afirma que ele “não estimulava qualquer reação violenta da militância”.

Figura 22 – Moro x Lula

Juiz dá prazo para ex-presidente se entregar e veda uso de algemas

Decisão do fim da tarde de quinta manda Lula se apresentar até as 17h de sexta à PF em Curitiba

Sala especial preparada para que o petista cumpra a pena conta com cama, mesa e banheiro exclusivo

ANA LUIZA ALBUQUERQUE
DE CURITIBA

O ex-presidente Lula tem até as 17h desta sexta (6) para se apresentar voluntariamente à Polícia Federal em Curitiba, onde começará a cumprir pena de 12 anos e 1 mês de prisão.

O juiz Sergio Moro determinou a prisão do petista no fim da tarde desta quinta-feira (5), após receber ofício do TRF-4 (Tribunal Regional da 4ª Região) autorizando a medida. O juiz vedou a utilização de algemas em qualquer hipótese.

Até a conclusão desta edição, não estava claro se Lula havia concordado em se apresentar voluntariamente. Aliados defenderam a organização de uma vigília em São Bernardo do Campo (SP) para aguardar o cumprimento da ordem de prisão pela PF. O ex-presidente não estimulava qualquer reação violenta da militância.

Em sessão iniciada na quarta-feira (4) e encerrada na madrugada de quinta, o STF (Supremo Tribunal Federal) rejeitou por seis votos a cinco um habeas corpus preventivo interposto pela defesa do ex-presidente, abrindo caminho para a prisão.

O diretor-geral da PF, Rogério Galloro, chegou a escalar emissários para estabelecer diálogo com aliados de Lula. Eles procuraram três pessoas próximas ao petista para acertar as condições e o local do encarceramento.

A expedição do mandado de prisão ainda nesta quinta (5) surpreendeu aliados do petista. O processo do triplex no Guarujá (SP), pelo qual cumprirá pena, ainda não esgotou a sua tramitação no TRF-4, corte de segunda instância. A defesa do ex-presidente tem até a próxima terça-feira (10) para recorrer dos embargos de declaração, recurso que não prevê alteração da sentença.

Em sua decisão, Moro defendeu que não cabem mais recursos com efeitos suspensivos junto ao tribunal. "Hipotéticos embargos de declaração de embargos de decla-

ração constituem apenas uma patologia protelatória e que deveria ser eliminada do mundo jurídico", escreveu.

Em julho de 2017, o juiz condenou Lula a nove anos e seis meses de prisão pelos crimes de corrupção e lavagem de dinheiro no caso do triplex no Guarujá (SP). Em janeiro, o TRF-4 confirmou a condenação e aumentou a pena para 12 anos e um mês de prisão. Em 26 de março, o tribunal negou os recursos da defesa.

Moro nunca determinou o cumprimento de pena de réus soltos da Lava Jato menos de um ano depois de condená-los, exceto Lula, em que o intervalo foi de nove meses.

As outras oito determinações de prisão de réus que estavam soltos na Lava Jato do Paraná demoraram entre 18 e 30 meses para serem expedidas pelo juiz. A rapidez com que Lula vai ser preso acontece por causa da celeridade que o processo tramitou após a condenação de Moro. O caso foi o que mais rápido chegou à segunda instância.

AÇÃO PENAL

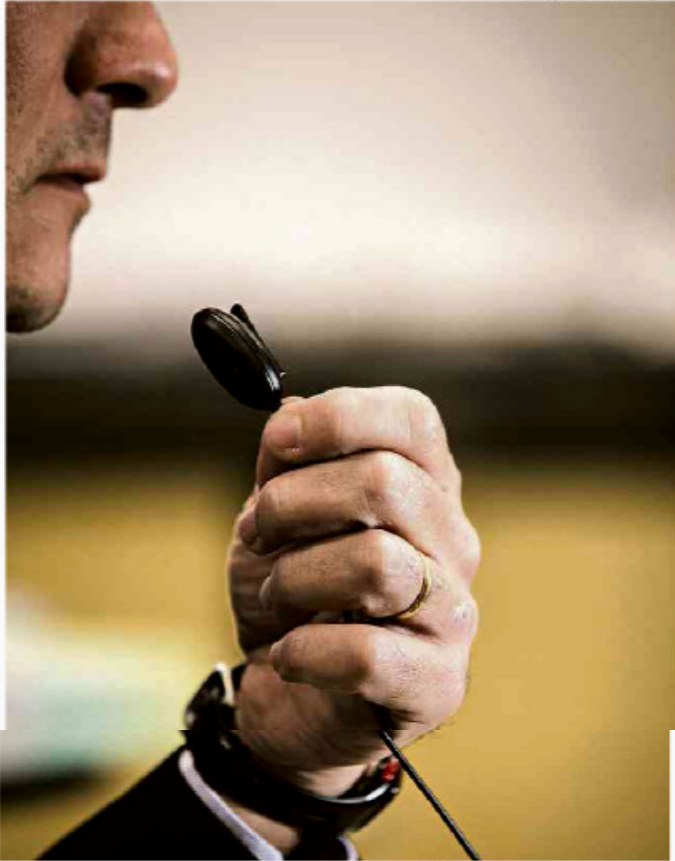
Na sentença, Moro concluiu que Lula recebeu vantagens indevidas da OAS no valor de cerca de R\$ 2,25 milhões, correspondentes ao triplex e a reformas feitas no imóvel. Em troca, a empresa teria sido beneficiada com contratos na Petrobras.

O ex-presidente ainda é réu em outros dois processos que tramitam em Curitiba — um envolve o sítio de Atibaia (SP) e outro, um terreno para o Instituto Lula. Ele também responde a quatro ações na Justiça Federal do Distrito Federal.

A Lei da Ficha Limpa prevê que o réu condenado por um órgão colegiado não pode concorrer, mas garante ao candidato barrado um recurso chamado suspensão de inelegibilidade. Assim, o ex-presidente precisaria mandar o pedido ao STJ (Superior Tribunal de Justiça) ou ao STF.

Petistas têm afirmado que Lula concorrerá mesmo preso e este recusam a falar em plano B. No entanto, são aventados os nomes de Fernando Haddad, ex-prefeito de São Paulo, e Jaques Wagner, ex-governador da Bahia.

Colaboraram: CAMELA MATTOSO e MARINA DIAS, de Brasília, e CÁTIA SEABRA e JOSÉ MARQUES, de São Paulo



Juiz federal Sergio Moro segura microfone durante entrevista em julho do ano passado

Lula terá visitas e banho de sol exclusivos

DE CURITIBA

O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva deve seguir regras similares às de outros presos na Superintendência da Polícia Federal em Curitiba, com a diferença de que estará isolado dos demais.

O petista ficará em uma sala no quarto andar do prédio, fora da Custódia, onde estão detentos como o ex-ministro Antonio Palocci e o sócio da OAS Léo Pinheiro.

Tanto as visitas como o banho de sol não serão realizados nos mesmos horários dos demais presidiários.

Ainda assim, a princípio, as regras para Lula são as

mesmas: visitas às quartas-feiras e duas horas de banho de sol por dia. Caso o ex-presidente se apresente à carceragem nesta sexta (6), como determinou o juiz Sergio Moro, é possível que seja negociada uma primeira visita antes da próxima quarta (11).

No despacho, Moro afirmou que, "em razão da dignidade do cargo ocupado", foi preparada uma sala reservada, "espécie de Sala de Estado Maior", na qual Lula ficará separado dos demais presos, sem risco para sua integridade moral ou física.

Com dimensões de 3 metros por 5 metros, o espaço tem uma cama, uma mesa e

um banheiro exclusivo. O cômodo, utilizado como dormitório por agentes da polícia, passou por algumas modificações para a chegada do ex-presidente, como a retirada de um beliche.

O local será vigiado 24h por dia, em um revezamento entre servidores da Polícia Federal, para garantir a segurança do petista.

Lula tem até as 17h desta sexta-feira (6) para se apresentar à PF em Curitiba. Até a conclusão desta edição, o petista ainda avaliava se cumprirá a ordem ou se aguardaria a polícia buscá-lo em São Bernardo do Campo (SP). (ALA)

Fonte: Albuquerque (2018, p. A6).

No terceiro parágrafo desta matéria, o trecho "Até a conclusão desta edição, não estava claro

se Lula havia concordado em se apresentar voluntariamente”, mostra que Lula tem apenas a opção de escolher como reagir às ações tomadas por Moro.

Como analisamos no tópico anterior, a imagem do PT é, mais uma vez, ligada à prisão de Lula, o que pode ser observado claramente nestes trechos: “prisão do petista”, no segundo parágrafo, “Eles procuraram três pessoas próximas ao petista para acertar as condições e o local do encarceramento”, no sexto parágrafo, e “A expedição do mandato de prisão ainda nesta quinta (5) surpreendeu aliados do petista”, no sétimo parágrafo.

Durante toda a cobertura da prisão, o principal momento em que Lula se enquadra como sujeito ativo é em seu discurso. Ali, Lula é um ser completo, que fala com o povo e que não se define por um processo político que assume seu nome. Só neste momento, o ex-presidente é protagonista de sua história, como podemos perceber na análise de Marcelo Coelho, do dia 8 de abril de 2018⁸.

O texto fala sobre o último discurso de Lula antes de sua prisão e a maneira como ele mantém o bom humor e conta piadas, o que acaba trazendo um pouco de esperança para o público. Sobre este discurso, Bentes (2018, p. 1) afirma:

A desobediência civil, o ato que Lula protagonizou na sua Canudos provisória, é a percepção de que o Estado, a lei e a ordem produzem injustiça. Daí a necessidade de resistir, atrasar, acenar com uma trincheira humana em São Bernardo do Campo, que passou de resistência e radicalismos iniciais para a forma de uma missa, liturgia em homenagem à memória de sua mulher, dona Marisa Letícia, no mesmo espaço. Momento histórico no ABC que viu nascer Lula e que reuniu lideranças políticas, movimentos, lideranças religiosas e sociedade civil num ato real e simbólico de resistência.

⁸ O texto não pôde ser colocado na íntegra devido ao seu tamanho, mas pode ser encontrado no anexo.

Figura 23 - Lula bem humorado

ANÁLISE

Bom humor de petista resiste às situações mais difíceis

MARCELO COELHO
COLUNISTA DA FOLHA

Com camiseta azul, e não vermelha como muitos companheiros de palanque, Lula se mostrou em excelente forma no discurso que fez neste sábado (7), em São Bernardo do Campo, horas antes de se entregar à Polícia Federal.

Por mais que, em sua retórica, sejam necessários os momentos de confronto e de revolta, o fato é que Lula parece sempre se sentir feliz no meio da massa popular — e seu bom humor resiste às situações mais difíceis.

É assim que, no meio de sua indignação, lembrou um personagem de novelas, o famoso conquistador Tabaco (vivido na Globo por Osmar Prado, presente no palanque), que mantinha várias namoradas e acabou traído.

“A gente acha que só os homens são espertos, mas as mulheres são espertas também”, concluiu, para dizer que hoje em dia homem também beija homem, e que nos tempos do sindicato tomava conhaque para limpar a garganta antes de um discurso (“coisa que não fiz hoje”).

Fonte: Coelho (2018, p. A10).

A exceção do discurso confirma a regra do silenciamento que permeia as matérias sobre Lula no momento de sua prisão. O líder ativo passa a ser receptor de decisões e ações políticas de terceiros. A imagem de Lula muda para e pela *Folha*, o que pode ser observado em sua cobertura jornalística.

Confirma-se, como já afirmara Augsten (2019, p. 140) que o posicionamento de um jornal pode ser observado de acordo com suas matérias ao longo do tempo:

O texto jornalístico não apresenta apenas os fatos, ele repercute um determinado discurso e uma posição ideológica diante dos acontecimentos. Como ressalta Brait (2005), isso acontece devido às escolhas das palavras, das imagens, da construção da frase, da escolha dos sujeitos da narrativa, pela ordem enunciativa dessas pessoas, pelo destaque de alguns atores sociais, e o consequente silenciamento de outros, mas, sobretudo, é possível compreender o posicionamento do jornal, em relação a um caso, a partir do rol de textos publicados durante um determinado período.

O silenciamento de Lula dá voz ao antipetismo, sobre o qual discorreremos no tópico anterior. Concluída esta análise, vimos que a *Folha* contribui para a imagem de um Lula apagado. Ele é excluído das eleições antes de uma decisão do TSE, e descartado do jogo político nacional.

CONCLUSÃO

Neste trabalho, analisamos a mudança de discurso da Folha em relação ao ex-presidente Lula em dois períodos distintos (dezembro de 2010 e abril de 2018), associando-a ao crescimento da rejeição ao PT.

Inicialmente, discorremos sobre a história do Partido e de sua principal liderança, assim como seus momentos de ápice e decadência. A seguir, analisamos diferentes visões sobre o papel da imprensa na formação da opinião pública, especificamente no caso de Lula/PT. Descrevemos ainda o referencial metodológico que se utilizou de alguns métodos da análise de discurso.

O segundo capítulo foi iniciado com um histórico da *Folha*, que justifica sua utilização neste trabalho. Trata-se do jornal, cujo site alcançou 24 milhões de visitantes únicos em 2018. A seguir, foi realizada uma análise quantitativa das matérias relativas a Lula nos dois momentos, que resultou na divisão dessas em dez categorias de temas e que nos permitiu constatar o apassivamento da imagem de Lula que passa de um político poderoso a condenado entre 2010 e 2018. O cruzamento das categorias com o caráter ativo/passivo de Lula nos permitiu constatar que houve um número maior de matérias do tema *eleições* em 2018, mas nessas o papel passivo foi dominante nas abordagens do Jornal sobre Lula.

A análise quantitativa revelou, também, o incremento do uso do termo "petista" na cobertura jornalística da *Folha* da prisão do ex-presidente. Pudemos perceber como o termo ganhou força em 2018. O uso desse termo fortalece a imagem negativa do PT, que começou a se construir a partir do escândalo do mensalão.

Ao analisarmos o discurso da *Folha* em 2018, observamos que é recorrente a associação do termo "petista" a outros termos depreciativos, como "condenado" e "prisão". Assim, mesmo que, de maneira discreta, reafirma-se a ideia de um PT corrupto. Além disso, passa a se vender a imagem do PT como radical, atrelado a movimentos sociais violentos, que havia sido dominante na década de 1990.

Lula aparece como ator secundário mesmo no momento de sua prisão. É recorrente, em 2018, o apassivamento do ex-presidente nas matérias da *Folha*. Com exceção de seu discurso no dia de sua prisão, ele apenas sofreu as consequências das ações realizadas por outros agentes, como o juiz Sérgio Moro ao condená-lo à prisão.

Este uso de representantes não é usual em 2010. O que se vê nas matérias da *Folha*, neste período, são críticas dirigidas ao governo Lula, ou seja, fala-se sobre ele e não em lugar dele, como ocorrerá em várias ocasiões em 2018.

Nas matérias que se referem às eleições presidenciais de 2018, pode-se perceber que alguns títulos já colocavam Lula fora da disputa eleitoral, discutindo a distribuição dos votos que a ele seriam destinados no primeiro momento.

Como já antecipamos, trata-se de um trabalho bastante modesto e que demanda continuidade em futuras pesquisas que, analisando um intervalo temporal maior, possam aferir o papel da *Folha* na construção/validação do antipetismo.

REFERÊNCIAS

- AGGIO, Alberto. **A cultura política do petismo.** Disponível em: <https://www.acesa.com/gramsci/?page=visualizar&id=410>. Acesso em: maio 2019.
- ALBUQUERQUE, Ana Luiza. Juiz dá prazo para ex-presidente se entregar e veda uso de algemas. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, n. 32.510, p. A6, 6 abr. 2018.
- ALENCAR, Kennedy. Lula chama assessores do governo para seu instituto. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, n. 29.837, p. A4, 11 dez. 2010.
- _____. Para Lula, política social e crescimento justificam aprovação. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, n. 29.845, p. A7, 19 dez. 2010.
- AUGSTEN, Patrícia. **A significação jornalística da justiça: uma análise da cobertura da Lava Jato na Folha de S. Paulo.** Dissertação (Mestrado em Comunicação Social), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.
- AZEVEDO, Fernando A. **A grande imprensa e o PT (1989-2014):** São Carlos: EduFSCar, 2017.
- BALLOUSSIER, Anna; FLECK, Isabel; SEABRA, Catia. "Vem buscar", gritam militantes sem-teto trazidos de ocupação para apoiar petista. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, n. 32.510, p. A8, 6 abr. 2018.
- BALTHAZAR, Ricardo. Dirceu duvidou de recuperação de Lula após mensalão. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, n. 29.846, p. A6, 20 dez. 2010.
- BAPTISTA, Erica. Corrupção, opinião pública e avaliação de governo: o primeiro mandato de Dilma Rousseff. **40º Encontro Anual da Anpocs**, Caxambu–MG, 2016. Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/40-encontro-anual-da-anpocs>. Acesso em: abr. 2019.
- BENTES, Ivana. **Não é neutralizando Lula que o novo vai emergir.** Disponível em:

<https://revistacult.uol.com.br/home/lula-justica-e-vinganca-quando-a-prisao-e-um-voov/>. Acesso em: maio 2019.

BRAGA, Henrique. **'Petista':** as origens de um palavrão. Disponível em: https://www.huffpostbrasil.com/henrique-braga/petista-as-origens-de-um-palavrao_a_21676728/?guce_referrer=aHR0cHM6Ly93d3cuZ29vZ2xlLmNvbS8&guce_referrer_si
Acesso em: maio 2019.

BRANDÃO, Helena. **Introdução à análise do discurso:** Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2004.

CAVALCANTI, Joabe. **O antipetismo é mais e maior do que o ódio ao PT.** Disponível em: <https://www.brasil247.com/pt/colunistas/geral/371097/O-antipetismo-%C3%A9-mais-e-maior-do-que-o-%C3%B3dio-ao-PT.htm>. Acesso em: maio 2019.

COELHO, Marcelo. Bom humor de petista resiste às situações mais difíceis. **Folha de S. Paulo**, n. 32.512, p. A10, 8 abr. 2010.

CRUZ, Valdo *et al.* Lula vetará partilha de royalty do pré-sal. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, n. 29.829, p. B4, 3 dez. 2010.

FLECK, Isabel *et. al.* A paixão de Lula. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, n. 32.512, p. A12, 8 abr. 2018.

FOLHA DE S. PAULO. A militantes desanimados Lula volta a atacar 'golpe'. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, n. 32.509, p. A8, 5 abr. 2018c.

_____. Moro manda Lula se entregar, mas PT defende resistência. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, n. 32.510, p. A4, 6 abr. 2018f.

_____. Lula terá visitas e banhos de sol exclusivos. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, n. 32.510, p. A6, 6 abr. 2018a.

_____. Lula ignora prazo dado por Moro e negocia se entregar. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, n. 32.511, p. A4, 7 abr. 2018d.

_____. Após pesquisa, PT reafirma candidatura. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, n. 32.520, p. A13, 16 abr. 2018b.

_____. Passaporte de petista é furtado de veículo. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, n. 32.522, p. A10, 18 abr. 2018e.

_____. **Folha foi líder em audiência em 2018.** Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/01/site-da-folha-lidera-audiencia-entre-os-jornais.shtml>. Acesso em: abr. 2019.

_____. **O jornal mais influente do Brasil.** Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/institucional/o_grupo.shtml. Acesso em: mar. 2019.

FOREQUE, Flávia. De saída do Senado, Tasso diz que Lula decepcionou país. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, n. 29.835, p. A9, 9 dez. 2010.

FRANCO, Bernardo. PT planeja 'festa bem povão' para recepcionar presidente. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, n. 29.856, p. A10, 30 dez. 2010.]

GREGOLIN, Maria do Rosário. A análise do discurso: conceitos e aplicações. **Alfa**: São Paulo, v. 39, p. 13-21, 1995.

_____. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. **Comunicação, mídia e consumo**: São Paulo, v. 4, n.11, p. 11-25, nov. 2007.

GUIMARÃES, Larissa. Lula enaltece seu governo e afaga Dirceu. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, n. 29.842, p. A10, 16 dez. 2010.

JUCÁ, Beatriz. **Atos de domingo consolidam 'bolsonarismo' como um fenômeno, assim como lulismo e chavismo.** Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/27/politica/1558984346_871600.html. Acesso em: maio 2019.

KORNIS, Mônica; MONTEIRO, Débora. **O movimento sindical urbano e o papel do CGT.** Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/NaPresidenciaRepublica/O_movimento_sindical_urbano_e_o_CGT. Acesso em: jun. 2019.

LIPPMANN, Walter. **Opinião pública**: 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MACHADO, Denise. A questão dos silenciamentos em análise do discurso: reflexões a partir de uma entrevista em circulação na mídia rio-grandina. **Memento**: Betim - MG, v. 5, n. 2, p. 1-11, jul. - dez. 2014.

MARIANI, Daniel; LUPION, Bruno; ALMEIDA, Rodolfo. **10 índices econômicos e sociais nos 13 anos de governo PT no Brasil.** Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/especial/2016/09/02/10-%C3%ADndices-econ%C3%B4micos-e->

sociais-nos-13-anos-de-governo-PT-no-Brasil. Acesso em: abr. 2019.

MIOTO, Ricardo; RIGHETTI, Sabine. Lula 'cacarejou' sobre clima, dizem EUA. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, n. 29.835, p. A12, 9 dez. 2010.

NERI, Marcelo. **A nova classe média**: O lado brilhante da base da pirâmide: 1 ed. São Paulo: Saraiva, 2011.

NUNES, Wálter. Paraná avalia locais para prisão de petista. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, n. 32.508, p. A8, 4 abr. 2018.

NUNOMURA, Eduardo. **O mensalão impresso: o escândalo político-midiático do governo Lula nas páginas de Folha e Veja**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

ODILLA, Fernanda. Número de eleitores anti-PT cresce no país, aponta estudo. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 21 fev. 2016. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/02/1741508-numero-de-eleitores-anti-pt-cresce-no-pais-aponta-estudo.shtml>. Acesso em: abr. 2019.

OLIVEIRA, Rodrigo P. **A refundação do antipetismo**. Disponível em: <https://jornalistaslivres.org/a-refundacao-do-antipetismo/>. Acesso em: maio 2019.

PAIVA, D.; KRAUSE, S.; LAMEIRÃO, A. O eleitor antipetista: partidarismo e avaliação retrospectiva. **Opinião pública**. Campinas, vol. 22, n° 3, p. 638-674, dez. 2016.

PARTIDO DOS TRABALHADORES (PT). **Nossa história**. Disponível em: <https://pt.org.br/nossa-historia/>. Acesso em: mar. 2019.

PATU, Gustavo; SOARES, Pedro. Sob Lula, cresce fosso entre salários público e privado. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, n. 29.852, p. A4, 26 dez. 2010.

PAULINO, Mauro; JANONI, Alessandro. Lula deixa herdeiros, mas centro tem potencial. **Folha de S. Paulo**, n. 32.510, p. A9, 6 abr. 2018

_____. Desafio será atrair parcela alinhada ao lulismo. **Folha de S. Paulo**, n. 32.522, p. A9, 18 abr. 2018

PINHO, Ângela; PATU, Gustavo. Em despedida, Lula infla dados do governo na TV. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, n. 29.850, p. A4, 24 dez. 2010.

PROCURADORIA DA REPÚBLICA NO RIO GRANDE DO SUL (PR-RS). **Mensalão**: entenda como funcionava o núcleo político. Disponível em: <https://pr->

rs.jusbrasil.com.br/noticias/3195234/mensalao-entenda-como-funcionava-o-nucleo-politico. Acesso em: abr. 2019.

RAMALHO, Renan; OLIVEIRA, Mariana. **TSE decide por 6 votos a 1 rejeitar a candidatura de Lula a presidente.** Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/08/31/maioria-dos-ministros-do-tse-vota-pela-rejeicao-da-candidatura-de-lula.ghtml> Acesso em: mar. 2019.

SCOLESE, Eduardo. Lula completa 470 dias de viagens ao exterior. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, n. 29.830, p. A7, 4 dez. 2010.

SEABRA, Catia; ALMEIDA, Marco Rodrigo. Petista fala em paz, mas MST promete guerra. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, n. 32.508, p. A6, 4 abr. 2018.

SEABRA, Catia *et. al.* Petista envia 3 emissários para falar com PF. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, n. 32.511, p. A6, 7 abr. 2018.

SEABRA, Catia. Petista afirma que Moro tem mente doentia. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, n. 32.513, p. A12, 9 abr. 2018.

SENADO NOTÍCIAS. **Impeachment de Dilma Rousseff marca ano de 2016 no Congresso e no Brasil.** Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/12/28/impeachment-de-dilma-rousseff-marca-ano-de-2016-no-congresso-e-no-brasil>. Acesso em: mar. 2019.

SINGER, André. Brasil, junho de 2013: classes e ideologias cruzadas. **Novos estudos**, São Paulo, v. 97, p. 23-40, nov. 2013 (Dossiê: Mobilizações, protestos e revoluções).

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso: Da escravidão à Lava Jato.** 1 ed. São Paulo: Leya, 2017.

TAVARES, Joelmir *et al.* Atos contra habeas corpus a Lula reúnem milhares pelo país. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, n. 32.508, p. A6, 4 abr. 2018.

TRINDADE, Eliane; BERGAMO, Marlene. 'Não faz bem para o país Lula preso', diz Marcos Valério, operador do mensalão. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, n. 32.527, p. A10, 23 abr. 2018.

TUROLLO JR, Reynaldo; CASADO, Letícia. STF rejeita habeas corpus de Lula, que deve ser preso. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, n. 32.509, p. A4, 5 abr. 2018.

URIBE, Gustavo; ALBUQUERQUE, Ana Luiza. Dirceu critica Lava Jato e pede que militantes defendam ex-presidente. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, n. 32.521, p. A6, 17 abr. 2018.

ANEXO

Todas as matérias analisadas neste trabalho estão disponíveis no link:
<http://bit.ly/depresidenteapetista>.